O CORREIO

Director-Gerente
A. R. d'Azevedo Bastos

SEMANARIO MONARCHICO

Editor
Bento d'Oliveira e Silva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Passos Manoel, 177-1.° — Porto
Composto e impresso na Typographia de Arthur José de Souza, Largo de S. Domingos, 67 — Porto.
Agente em Paris: **Alvaro Pinheiro Chagas** — 6, Rue Duban
Agencia em Lisboa: **Largo de S. Paulo, 12**

Proprietario — MARIO ANTUNES LEITÃO
1.° ANNO — N.° 9 — Avulso 20 rs.
Sabbado, 1 de Fevereiro de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n.os, 1$000 reis — Serie de 26 n.os, 500 reis. Estrangeiro: (Paizes da União postal) — serie de 52 n.os, 14 francos (ou 3$000 reis). Series de 26 n.os, 8 francos (ou 1$600 reis). Brazil: serie de 52 n.os, 6$000 reis (moeda brasileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.
ANNUNCIOS — Na secção de annuncios 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

TIRAGEM ESPECIAL

N.° 148

SUMMARIO

El-Rei D. Carlos — RAMALHO ORTIGÃO.
A marcha para o Renascimento — *entrevista com o sr. cons. Vasconcellos Porto* — JOAQUIM LEITÃO.
O Principe Real — AYRES DE ORNELLAS.
Um Principe de Portugal — *entrevista com a sr.ª D. Isabel Saldanha da Gama* — JOAQUIM LEITÃO.
Patriotas — UM VISIONARIO.
Notas d'um lisboeta — *Historia* — ANSELMO Echos.
Angola — H. DE PAIVA COUCEIRO.
Democracia — EDUARDO LUPI.
Carta de Lisboa — RAUL.

El-Rei D. Carlos

A data de 1 de fevereiro de 1908, que este jornal piedosamente commemora, é a mais negra de toda a nossa historia. Sabe-se que o duplo regicidio de D. Carlos e do principe real seu filho não foi a obra individual de um facinora, de um nihilista ou de um louco. Foi a tremenda execução de uma sentença friamente lavrada por um conluio revolucionario.

Alguns individuos apparentemente normaes, serenos, senhores de si, tendo talvez um lar, tendo uma familia, gosando amplamente a saude, a liberdade, a alegria de viver, reunem-se em tertulia politica e por uma dissidencia de partido resolvem por unanimidade matar um homem e uma creança.

O rei D. Carlos poderia ter fraquezas como toda a creatura humana, mas não tinha crimes, e tinha os mais altos dons de coração e de espirito que enobrece a humanidade. Tinha a honradez, tinha a indulgencia, tinha o bom humor, tinha a benegnidade, tinha o talento, tinha a coragem, e, como emanação d'essas qualidades juntas, tinha e exercia sobre todos aquelles que o conheceram e trataram em Portugal e nas cortes estrangeiras essa especie de sortilegio que se chama o prestigio.

Amava a sua terra como rei, e amava-a talvez mais ternamente ainda como paisagista, como proprietario rural, como lavrador, como caçador, como excursionista.

Curioso bibliophilo, falando com correcção e virtuosismo cinco linguas, formára nos seus aposentos das Necessidades, perto do seu atelier de pintura, uma copiosa biblioteca abrangendo toda a erudição moderna, alem dos milhares de volumes da collecção de seu pae e de seu tio D. Pedro V, que adquirio do seu bolso no inventario do rei D. Luiz e depositou para uso dos estudiosos na real bibliotheca do Paço da Ajuda.

Na alludida livraria particular das Necessidades colligira ainda grande numero de incunabulos, de manuscritos preciosos e de livros raros portuguezes.

Pela sua indole, pelo seu temperamento, pelos atavismos da sua cerebração, esse alentado homem louro, de aspecto physico tão accentuadamente saxonico, era psychologicamente o portuguez mais genuinamente portuguez que jamais conheci. A sua lingoagem familiar na convivencia dos seus intimos era pictorescamente esmaltada de todos os expressivos provincianismos, de todos os modismos regionaes, de todos os anexins e de todos os proloquios e estribilhos populares do seu tempo.

Sem embargo da polidez do seu trato e da elegancia das suas maneiras, elle foi sempre, pela molecular predilecção dos seus gôstos, mais um simples e chão lavrador alemtejano do que um homem de côrte. Uma vez jubilosamente liberto da etiqueta palaciana, e só nas suas herdades, nunca mais se vestia senão como os seus abegões e os seus maiorares, de jaleca curta e camisa grossa sem goma e sem gravata. Não montava mais senão cavallos campinos afeitos a saltar valados e arreados de almatricha e estribos de madeira com a manta alemtejana afivelada ao arção. Da sua culinaria rural eram então rigorosamente banidos os *menus* franceses do paço, substituidos pelos da rustica e tradicional cosinha popular da região.

Conheci-o de muito novo, não como aulico (ou cortezão que nunca fui, mas como amigo particular do seu avô paterno.

Com a maior parte dos *vencidos da vida*, dos quaes elle folgava de se dizer *confrade supplente*, frequentei a sua casa de principe no paço de Belem e na quinta do Relogio em Cintra, onde a princesa mesma decorava as suas salas com festões de hortencias azues e brancas, e fazia servir aos seus convivas um *cup* de sua invenção composto de vinho tinto do Dão com agua e assucar e rodellas de pecegos celebres de Alcobaça. Não se poderia vêr lar mais simples, mais risonho e de mais intimo encanto. Era o seu anno de noivado. A princeza, quasi uma joven educanda, estudava com ardor a lingua da sua nova patria e dançava as suas primeiras valsas.

Para festejar os noivos a duqueza de Palmella deu então na sua bella vivenda de Cintra o mais lindo baile. Da porta da casa até á grade do parque illuminado á veneziana, sob um toldo de seda ás listas asues e brancas, estendia-se um tapete em que faziam alas empunhando candelabros os creados da casa Palmella, em grande libré, agaloados de ouro, calção curto de veludo verde, luvas brancas e cabello empoado. Deu signal da entrada dos principes no parque uma orchestra aeria de violinos empoleirados na copa do arvoredo.

Nesse baile uma contradança de lanceiros foi caprichosamente improvisada num quadro de dancistas de que eu fazia parte, cabendo-me a honra de ter por par a distincta e elegante esposa do meu amigo o illustre archeologo Anselmo Braamcamp Freire, então par do Reino, hoje, segundo me dizem, presidente no Senado.

SUA MAGESTADE EL-REI D. CARLOS I
(Assassinado em Lisboa, em 1 de Fevereiro de 1908)

No fim d'essa incoherente contradança ouvimos todos dizer a princesa á dona da casa: — *Oh! ma foi, je m'amuse comme une petite folle!*

Das tres illustres senhoras a que me refiro uma morreu, fenecendo com ella a mais fina, a mais delicada, a mais preciosa flor da antiga elegancia e da antiga nobresa de Portugal. A segunda é hoje uma rainha viuva no exilio. A terceira, transplantada para uma sociedade nova bem differente d'aquella em que nasceu e em que viveu os mais floridos annos de sua juventude, nunca mais — estou certo d'isso — nem pela caricatural violencia dos contrastes, tornará, como a princeza, a divertir-se tanto como nesse esvahido sonho de verão, sob o magico luar de Cintra.

Sunt lacrymae rerum.

A esses dias tão desanuviados e tão serenamente felizes seguiram-se os annos pouco risonhos de um reinado malfadado.

Não quero nesta ephemera pagina exclusivamente consagrada a saudosas recordações tocar por mais levemente que seja no conflicto politico. Fujo de aprofundar antigas feridas destinadas talvez a não se fecharem nunca. Cumpro modestamente apenas um dever d'honra e de fidelidade depondo como testemunha de defeza no processo historico do mais calumniado e todavia do mais affectivo, do mais indulgente, do mais bondoso dos homens. Alguma vez porventura desdenhoso ou altivo com os poderosos e os soberbos, elle foi sempre e invariavelmente da mais terna, da mais carinhosa, da mais christã affabilidade para com todos os humildes.

Do rei que elle foi me permitto consignar apenas que monstruosamente o assassinaram no preciso momento culminante em que, perante o abjecto rebaixamento dos costumes politicos do seu tempo elle emprehendia como chefe de estado a mais profunda, a mais decisiva obra de remodelação administrativa, de renovamento moral e de saneamento publico de que jamais fôra objecto, desde a sua origem até então, o corrompido e viciado regimen constitucional.

Lucidamente consciente de que nesse aventuroso lance arriscava talvez a corôa e a vida, elle não vacillou um instante, e encarando a morte caminhou firme e resolutamente para ella, amortalhado, como os heroes e os martyres, na resplandescente convicção do dever cumprido.

Em torno do pavoroso attentado do 1.° de fevereiro houve na imprensa e nas assembleias parlamentares um silencio sinistro. Dôr, espanto ou desdem? Dil-o-ha mais tarde a justiça da posteridade, a qual, longinquo mas incorruptivel eco na terra da justiça de Deus, um dia designará a cada um o logar que lhe cabe na perpetração e na cumplicidade d'este crime.

A mim, que na camara dos pares do reino ouvi uma unica voz clamar justiça para o regicidio, a altiva, a intemerata, a quasi espectral figura do nobre conde de Arnoso, descarnado, pallido, rapidamente envelhecido, attingido já do mal de viver a que pouco depois tinha de sucumbir, pareceu-me ser então a unica figura viva e em pé no meio d'uma sociedade morta.

Escrevo de Paris estas melancolicas linhas a 21 de Janeiro de 1913, dia anniversario da morte de Luiz XVI sobre o cadafalso da Place de la Révolution. Numerosas e profundas analogias ligam um ao outro os ensanguentados destinos dos dois soberanos. De Luiz XVI nos deixou um poeta francez esta breve synthese, que em nossa historia, por emquanto imperfeita, poderá ser um dia o epitaphio de D. Carlos: *Teria sabido inteiramente reinar se houvesse sabido punir.*

Ramalho Ortigão
antigo bibliotecario de S. M. El Rei.

A MARCHA PARA O RENASCIMENTO

El-Rei D. Carlos e o seu reinado

Entrevista com o snr. Vasconcellos Porto
ultimo ministro da guerra d'El-Rei D. Carlos

N'esta hora tão inclemente para os caracteres, em que bem difficil é encontrar affirmações de integra personalidade, e, em que, por isso mesmo se ambiciona mais contar homens de bem, em Portugal, do que amigos, Vasconcellos Porto assume as proporções d'um symbolo do caracter nacional, talmente precario hoje que por cada cento de homens que ao ouvido nos asseguram a sua amisade e a sua communhão de sentimentos, não ha dois para nos ir ver á cadeia ou escrever para o exilio.

Moroso na concessão e aceitação das suas affeições, com a sua apparente frieza, que tem tanto de recato intellectual como de independencia moral, o snr. Vasconcellos Por-

to é uma d'essas individualidades que parecem repellir as sympathias que se lhe approximam.

Mas lentamente a sphynge move se, o caracter — sua primacial qualidade, — affirma-se e confirma-se, em todos os momentos da sua vida e da vida social do seu tempo, e o seu bom senso attinge a evidencia, e o seu severo laconismo degéla, e quando elle chega a ser amigo d'alguem ou alguem a amigo d'elle, é para sempre.

E, então, na cadeia, no exilio, ou no tumulo, onde quer que jaza o amigo, Vasconcellos Porto está com elle.

Assim succedeu com a sua affeiçoada admiração por El-Rei D. Carlos. Assim succede agora com a convicta saudade pela sua memoria

Não se fez mister rogar-lhe uma lagrima para o tumulo do seu Rei. Quando o convidamos a depôr sobre o valor do grande Rei, que n'uma dada hora do seu reinado teve a visão de que faria de Portugal uma grande Patria, o snr. Vasconcellos Porto entregou-nos confiantemente o seu coração e o seu nome, para gravarmos n'este primeiro grão d'areia do monumento.

— Sobre El-Rei D. Carlos estou prompto a fallar. Quando quizer. Amanhã, hoje, já. Se eu escreve-se, não estaria a estas horas sem registar os factos de minha observação, que alicerçam a admiração pelo nosso Rei D. Carlos. Para fallar, um unico receio me prende... o receio de .. não poder levantar em pêso, tal qual a recordo, a figura d'El-Rei que era .. na verdade, tão grande .. tão grande de mais, para Portugal, que não sei que não diga... se o baniram barbaramente, se foi elle que saiu d'ali, sentindo deslocado n'aquelle meio pequeno o seu enorme valor!... *(E Vasconcellos Porto levantou-se; depois, senhor da sua serenidade veio outra vez sentar-se, e, com o olhar fixo no passado, continuou)*: Mas falo! Com uma unica condição! .. que não ha-de apresentar.. o que eu disser, como .. como um resumo sequer do definitivo julgamento de D. Carlos. O seu valor.. a sua acção..., e o seu reinado não podem ser julgados por nenhum homem. Só a Historia o póde julgar. E quando esse julgamento se fizer, então, El-Rei D. Carlos será... reempossado logar a que tem direito, o do qual nem as injustiças, nem as paixões, nem as ingratidões, nem a cobardia o podem despojar!... Tambem não é rigorosamente uma entrevista o que vou dar-lhe. Abro lhe o coração, que não sabe prantear senão o que a razão admirou.

Um concentrado silencio, e a voz de Vasconcellos Porto começa a analyse com a consciencciosa lentidão d'um engenheiro, que lança as bases d'um edificio ou rompe á força de trabalhos o obras d'arte a imponencia d'uma cordilheira, parando, de quando em quando, a considerar o traçado, outras vezes avançando com o enthusiasmo transido das grandes altitudes:

—El-rei D. Carlos era uma figura acima do commum, sobretudo, e com verdade o primeiro homem do nosso Paiz. Era o primeiro lavrador, entre os grandes lavradores, era o primeiro official entre os mais competentes officiaes do nosso exercito, era homem de sciencia, era artista, era um politico mundial, e era um patriota que se integrára no seu Povo e para elle sonhára uma grande Patria. Voto muita amisade á Sua memoria, mas não é a amisade que em mim falla—, é a admiração fundada em factos. E como me fundo em factos, não quero saber d'essas theorias de degenerescencia que para ahi vógam. Que El-Rei D. Carlos herdasse atavicamente todas as grandes qualidades dos seus maiores, creio; que Elle lhes herdasse as degenerescencias, não. Podia ter defeitos, como toda a creatura humana, mas na convivencia, que com El-Rei tive, observei-lhe qualidades, e essa imponente preoccupação de fazer de Portugal, senão uma potencia de primeira ordem, pelo menos uma nacionalidade, que occupasse com honra o seu logar no convivio européu. Falo-lhe, pois, das suas virtudes.

—V. Ex.ª privou muito com El-Rei D. Carlos?

— Nos ultimos annos da vida d'Elle, bastante. Fui-lhe apresentado n'uma epoca feliz em que eu era estranho á politica: na inauguração da linha da Beira-Baixa, cujos trabalhos eu concluira. El-Rei foi assistir, e João Franco apresentou-me como engenheiro, e El-Rei deu-me ahi as aguilhêtas de ajudante de campo honorario. Volvidos muitos annos, o meu cargo de engenheiro-director da companhia e a minha missão de ministro da guerra proporcionou me viajar muito, só, com El-Rei, e foi, então, que mais intimo conhecimento tive do seu valor e das suas virtudes... D. Carlos que tinha a magestade quando vestia a jaléca alemtejana não era porque o manto real lhe pesasse, porque nunca pôrte mais de rei foi dado a homem nascido para se sentar n'um throno.

—Era brilhante?

—Era brilhante ou era simples, conforme o momento o pedia. D'uma delicadeza incomparavel, as recepções da côrte eram um *circle* em que D. Carlos patenteava todo o seu encantamento e toda a sua boa educação. Tinha sempre uma phrase para a embaixatriz da Inglaterra, com quem falava inglez, uma palavra para a ministra allemã, a quem se dirigia em allemão, como falava francez com a ministra da França, italiano com a de Italia, no seu polyglotismo perfeito. E não eram banaes cumprimentos, ou phrases estudadas, eram lucilações do seu espirito e da sua illustração. No seu olhar tão bom e tão affavel para os amigos, havia tambem, quando era preciso, a majestade do Soberano. Havia bondade e lealdade n'aquelle olhar, havia coragem e havia domin o, havia valentia e havia dôsu a. Assassinaram o pelas costas. Pela frente, ninguem seria capaz de lhe tocar. O homem que de frente, fosse para o matar, antes de desfechar sobre D. Carlos, deixaria cahir a arma, ou subjugado immobilisado, hypnotisado pela sua clara coragem ou rendido á bondade d'aquelle olhar!. .

O Rei Lavrador

Como se um nó de escumilha lhe apertasse a garganta, Vasconcellos Porto, calou-se. Logo repôsto, proseguiu:

—Quando El-Rei chegava a Alter ou a Vendas Novas, e que vestia a sua jaquêta de lavrador alemtejano, não era, pois, que lhe pesásse o manto de rei, mas porque se lembrava na sua feição de lavrador, senhor d'uma grande lavoura. Amando o seu Paiz com um culto de pintor e de patriota, enlevado no nosso ceu cheio de estridente luz meridional D. Carlos conhecia de cór as suas arvores, e ao chegar ás suas terras, visitava-as como a velhos amigos, que já não podem andar para fazer visitas. E chamava-me: *«O' Porto! Sabe quantos annos tem este sobreiro?»* E ia ver as seáras, com o mesmo enlevo que folheasse illuminuras. Entre os lavradores, era um lavrador, solidario com os seus visinhos, que apparecia então; e com uma vasta leitura agricola, conhecimento de quantos machinismos agricolas havia, Elle discreteava com proficencia e amor. E, como depois o Rei se não podia esquecer do que vira o lavrador, o Rei D. Carlos olhava do seu throno para as campinas e vallados do paiz, com o interesse consciente d'um rei-lavrador, que considerava a lavoura como a primeira riqueza dos seus estados.

O Rei-politico

— E esse rei lavrador era um politico?

— Era um politico, como era um scientista, como era um soldado, como era um artista, como era tudo. Encontrando-se com artistas, El-Rei D. Carlos discutia escólas e exemplares com a mesma erudição e o mesmo acêrto, que abordava agricultura entre lavradores. Com elles encontrava-se sempre, e bem, que ia á provincia. Todos os grandes lavradores acudiam a visita-lo, e o Rei fundia-se no povo. Aquelle homem loiro, de olhos azues, era afinal o mais português de todos os portuguezes, sentindo com e como os portuguezes, vibrando com elles, incantando-se n'elles.

Essa identificação que havia entre D. Carlos e Portugal é que originava o seu habito de andar pelo meio do seu povo, o que cá fóra causava pasmo. Valente, como os que o eram, D. Carlos era um portuguez, e só no meio dos portuguezes se sentia bem, bem entre o povo. Mas fosse qual fosse o meio, El-Rei D. Carlos tinha sempre o mesmo realce. Não era um musico, mas discutia musica, e não era raro vel-o sentar-se ao piano e cantar. Desenhava pintava como um profissional. Homem de sciencia, deixou interessantes explorações oceonographicas, nas quaes aproveitou muita vez, d'uma maneira pratica, os seus talentos de cultor das bellas-artes. E fosse sciencia, fosse arte, fosse agricultura, a sua assombrosa leitura estava sempre em dia. Lia as litteraturas, da nacional o que ella tinha digno de chegar ao seu conhecimento, lia as ingleza, franceza, allemã, hespanhola, italiana, e, com a sua rara memoria, não só armazenava uma serie sempre crescente de conhecimentos, como arrumava muito bem o que assimilava, o que era difficil n'uma leitura encyclopedica como El-Rei D. Carlos fazia. Apesar de encyclopedico, quando vinha o momento de encontrar o especialista, elle falava e apreciava como se se houvesse especialisado n'esse restricto ramo da intelligencia humana. Como politico foi um politico mundial. As idas das esquadras da Inglaterra, das esquadras francezas, das esquadras allemãs ás aguas portuguezas, a prestar homenagem á nossa Bandeira, o que foram senão a resultante da politica internacional de D. Carlos? E essa politica internacional não foi obra d'este ou d'aquelle ministro dos extrangeiros do seu reinado, mas obra exclusiva d'El-Rei D. Carlos.

A viagem d'El-Rei D. Carlos ao Brazil

— O *ultimatum*, que lhe abriu o reinado, não contribuiria para essa ancia de engrandecimento, com que a vida de D. Carlos findou?

— Não sei. D. Carlos era um fervoroso português, e é natural que o que magoasse a Patria lhe tivesse doído a Elle. Eu já o encontrei em plena aspiração do renascimento, a que se votára. A sua politica no exterior havia-nos já grangeado a antiga consideração, e a viagem ao Brazil ia ser o fecho da abóbada. O não lhe deixarem realisar essa viagem ao Brazil foi o maior crime, que se tem praticado no nosso paiz, desde que elle existe. Os resultados praticos d'essa viagem, para o nosso commercio, e para toda a nossa economia politica! Porque não eram só os Estados Unidos do Brazil que o esperavam, era toda a America latina que, anciosa, o queria receber. Essa viagem á America em que o Rei de Hespanha pensa, agora, ninguem mais a poderá fazer hoje em Portugal com os resultados que, para a Patria, a faria El-Rei D. Carlos. Se o regicidio não fosse já condemnavel por outros tantos motivos, sentimentaes, humanos, politicos, bêdoria por ter feito fracassar esse projecto. A morte d'El-Rei D. Carlos foi a morte do principio de renascimento, em cuja marcha ia Portugal.

—Mas El-Rei D. Carlos graçára de facto um plano de renascença patria, ou desobrigava-se apenas das funções, que o seu alto cargo de chefe d'Estado lhe impunha?

O Rei-soldado

—El Rei D. Carlos tinha o sonho de refazer, de resurgir e lançar os alicerces da nossa passada grandeza. Illustrado como era, conhecia e comprehendêra este axioma: *não ha nações fortes sem um forte exercito.* E todos os seus cuidados iam para o exercito, como base do nosso renascimento. El-Rei não cortejava o exercito como soberano que pede escóras ás bayonêtas. Occupava-se do exercito para o levantar, e levantar com elle Portugal. Tudo quanto dizia respeito ao exercito o interessava. E Elle que falando com um engenheiro, demonstrava a sua erudição, e conhecendo todos os problemas da viação e da mechanica, ao encontrar-se com militares tinha a conversação e os conhecimentos d'um militar moderno. Conhecia todos os systemas de mobilisação, tudo quanto se debatia sobre equipamentos, tudo quanto a arte da guerra escrevia e discutia. Não faltava a um exercicio de quadros, a umas manobras, a uma festa militar.

—E interes-ava-se, ou era apenas uma comparencia official?

—Qual comparencia official!... No campo, o Rei, que era tão lavrador na sua casa, era então um soldado. Fardando-se com simplicidade, sem grandes galões nem doirados, apenas com as suas insignias brevemente apontadas no dolman de serviço, um capote pelos hombros, D. Carlos era um official, sem deixar de ser um Rei, porque de jaléca ou de dolman de linho, o Senhor D. Carlos destacava-se por essa especie de soberania das raças, que é a distinção natural. Tinha o seu quarto nas escólas das armas, o que indicava que ali se contava com Elle para longa permanencia, a sua meza era a dos officiaes, e a sua conversa a da classe. Muitos, dos que hoje servem em Portugal altos cargos do exercito, o ouviram discorrer sobre assumptos militares, e senão com sympathia — não sei —, com admiração lhe ouviram os seus pareceres. Conhecendo todos os officiaes de certa cathegoria pelo nome, conhecendo todos os problemas que se debatiam, visitando quasi todos os regimentos, esse rei cavaleiro mostrou bem que era um rei soldado. Nunca consentiu nem mostrou desejos de marcar um exercicio ou umas manobras ou uma visita a horas cómmodas. O seu relogio era o de qualquer quartel ou o do ministerio da Guerra. Ás quatro da manhã, pelo frio ou ou á torreira do meio-dia, El-Rei D. Carlos estava onde era preciso estar. E eu que o vi e ouvi entre os lavradores do Alemtejo, e me convenci de que El-Rei nascêra lavrador, para grangear uma tranquilla herdade, e adaptar á agricultura os principios scientificos da sua vasta erudição agricola; eu que, nas viagens que com Elle tão frequentemente fiz, o ouvi falar em assumptos de engenheria d'uma fórma que a mim, engenheiro, me persuadia de que a sua principal e constante leitura, versava engenheria, conhecendo desde as locomotivas até ás necessidades locaes servidas pelos caminhos de ferro; quando o acompanhava, no seio do exercito, tinha de reconhecer que El-Rei D. Carlos nascêra soldado, nascêra para commandar soldados, e crear em Portugal o grande e forte exercito do futuro.

— Lenta tarefa!

—Evidentemente que tinha de ser lenta! Porque um exercito não se improv sa n'uma dezena d'annos. O exercito allemão que alcançou a victoria de 70, levou um seculo a preparar. Começou encapotadamente pela organisação das reservas, e foi caminhando, caminhando até chegar a Versailles. Um exercito não é um bando de soldados: são massas que só se deslocam proficuamente, quando á sua frente tem cabeças que os dirigem no campo, depois de muito detidamente lhes terem marcado nos gabinetes do estado-maior, os movimentos. El-Rei D. Carlos tinha plena consciencia d'esta verdade e para ella marchava tenazmente, confiante e certo de que marchava para o renascimento de Portugal. Conhecia perfeitamente a manutenção militar, visitava todos os quarteis, e sabia de cór as datas das festas a que costumava presidir. Não era preciso ninguem lembrar-lhe, Elle dizia: este mez tenho a inauguração da Escola Militar, e da Polytechnica. E, n'essas visitas ás escolas civis e militares, affirmava o seu carinho pela Instrução publica. Que, de resto, nenhum ramo da vida social lhe desmerecesse cuidados e respeito. Assim como ia ás escólas, entrava nas fabricas da Covilhã, seguia e felicitava-se com o nosso progresso commercial. No seu cerebro não faltava uma céllula, fôsse de que talento fôsse sêde; na sua vida official, nenhuma classe se podia queixar de ser esquecida. Como Rei d'um Estado catholico, assistia ás solemnidades religiosas, com respeito, mas sem a menor sombra de reaccionarismo, e, ainda n'esse capitulo era assombrosa a sua memoria, em dia com a lithurgia, como um cardeal; como prova de que Lhe reconheciam o quanto respeitava a Justiça, havia a comparencia da magistratura, com as suas tógas, ás recepções solemnes do Paço.

—Com toda essa competencia encyclopedica d'El-Rei, os Conselhos d'Estado e as assignaturas reaes deviam ser interessantes.

—Não eram nada vulgares! E não imagine que El-Rei assignava de cruz. Queria saber tudo, ser posto ao corrente de todos os assumptos, entrando na discussão perfeitamente á vontade. Tambem nunca pediu nada! absolutamente nada a um ministro, que representasse um prejuizo para o Estado. Interessava-se pelos negocios de todas as pastas, e assim como conhecia nomes e biographias dos officiaes, sabia de cór e salteado as forças das nossas fabricas de guerra. Visitou-as todas, e frequentava a fabrica de polvora de Chellas, cujo director o snr. Corrêa Barrêto lhe pedia a honra de ser El-Rei quem primeiro experimentasse as munições, que a fabrica produzia. E foi El Rei que levantou, com todo o empenho, a Fabrica de Chellas á altura a que chegou.

— O exercito, a disciplina, o culto da Bandeira devem tambem muito a V. Ex.ª

— Tudo quanto eu fiz como ministro da guerra não foi mais do que a corrente da epoca pedia — respondeu com uma nobre modestia o sr. Vasconcellos Porto. — Eu encontrei um Rei capacitado do papel do exerci o nas civilisações, e não era eu que puxava pelo exercito, mas eu que ia a reboque d'uma ancia de engrandecimento que se sentia pulsar em toda, mas em toda a officialidade portuguêsa. E no reinado de D. Carlos, o exercito subiu do abatimento em que jazia, ás alturas da epopeia. São do reinado de D. Carlos os feitos de Galhardo e de Mousinho, os Namarraes, Gaza, o Barné, os Dembos e os Cuamatas. Esse nervoso cyclo de glorias africanas, que começou com Mousinho acabou com Roçadas. A chegada do major Roçadas a Lisboa foi o ultimo dia de gala para o exercito português, n'aquelle reinado!.. O renascimento que D. Carlos preparava a Portugal começava a latejar sob as fardas do exercito português. D. Carlos almejava por dar ao exercito o papel que lhe cabia, retirando-o o mais possivel do secundario serviço de guardas e destacamentos, para o destinar á sua verdadeira e alta missão d'uma defeza nacional.

O grandioso plano de El-Rei D. Carlos

— Falou alguma vez com El-Rei D. Carlos sobre o seu sonho de renascimento? Elle exprimiu-lhe mesmo esse sonho?

— Quanta vez! .. Quanta vez o ouvi descrever a sua esperança de edificar um futuro grandioso para a Patria.

— E esse futuro cabia dentro d'um reinado?

— E' claro que El-Rei D. Carlos não tinha a illusão de que esse sônho florisse todo no seu reinado. Obras d'essas não se realisam na vida d'um homem. D. Manuel I foi precedido por D. João II. D. Carlos olhava para deante, a sua aspiração estava para lá da sua vida: era esse o seu melhor merito.

E concientemente, tenazmente, ia lançando as bases do engrandecimento pátrio, preparando o ajogeu para o reinado do seu amado Filho. Para que o Principe Real fosse o seu consciente e seguro continuador, o glorioso herdeiro da sua obra, o facetador que havia de dar o ultimo toque de cinzel no seu sonho d'oiro, El-Rei, de passo que preparava a força interior que era o exercito, e no exterior o ambiente de consideração, com as suas viagens e as suas optimas relações pessoaes com todos os thronos da Europa: de caminho que preparava um povo, para as nobres alegrias do futuro, educava-lhe um Rei que incarnasse e guiasse esse Povo, nos ultimos trechos da marcha para o renascimento. Mandou-o á Africa, viagem que não foi uma resolução occasional, mas um élo dos planos coloniaes do grande Rei. Mandou-o acompanhar a viagem do Estado-Maior: era o soldado integrando no exercito o herdeiro da sua Corôa e do seu sonho.

—E o Principe D. Luiz Filippe tinha já muito d'El-Rei, não tinha?

—Muito! Mas D. Carlos educava o Principe Real não á sua imagem, e sim á imagem do seu ideal de Rei. Queria-lhe todas as virtudes que tornam legendario um thrôno, e d'Elle tudo quanto havia de bom e de grande havia repassado para o Filho. Digame: era ou não uma marcha para o renascimento esse reinado de D. Carlos?...

E pelo olhar de Vasconcellos Porto uma grande amargura passou; dep is, como, ao cahir do dia, o viandante segue o sol até aos derradeiros desfallecimentos do poente, para entrar com a retina cheia de luz na treva da noite, foi ennumerando um a um os fastos do reinado, que vira acabar.

—El-Rei D. Carlos levantara-nos no conceito do estrangeiro, com a obra pessoal da sua politica internacional; o exercito estava a cobrir-se de gloria; a vida publica, ao seu desapparecimento estava olhando por ella, com um escrupulo e uma devoção, um enthusiasmo de grandeza moral que, para poder exigir civismo aos outros, foi o primeiro a submetter a sua magestatica figura a debates de que a sua consciencia não se assustava, mas que lisongeavam a sinceridade com que adoptára a ultima phase do seu reinado; trabalhava como um pioneiro, como trabalhou Guilherme I, como trabalharam os Saboyas; olhava amorosamente pelo amanho e protecção da lavoura nacional; olhava para o mar, e não desfitava o pensamento dos areaes africanos e dos padrões do nosso passado da India. Tinha dois Filhos: e na festa da Bandeira, no Hyppodromo, um, o Principe Real levava a Bandeira de Lanceiros, o Infante Senhor D. Manuel levava o estandarte da armada Real Portugueza. O futuro rei D. Luiz Filipe enidando das forças de terra, seu augusto Irmão tratatando do mar—, eram os dois pilares da cúpula do seu sôbho da néo-renascença portuguêsa!

—Curto e angustioso reinado!

—Todavia n'esse curto reinado de D. Carlos, galgou se dos abatimentos da decadencia ás cumiádas do renascimento. E se El-Rei D. Carlos realisa a sua viagem á America portuguêsa e latina, se lhe não truncam a sua obra, em Portugal ainda havia de haver felicidade, uma felicidade que chegaria até para aquelles, e para os filhos d'aquelles, que a destruiram!

Esta convicção de que estragaram a felicidade da Patria, e até a felicidade d'elles, é que me faz lamentar a falta de D. Carlos, que pranteio, não como amigo, mas como cidadão e patriota...

Uma aguia pousou nas emminencias das linhas de Torres Vedras.

—O Principe Real estaria compenetrado do seu papel historico?

—O Principe sabia que o Pae lhe estava preparando uma grande Patria. O muito amor por seu Pae era, a par da admiração de filho, a profunda, consciente gratidão do Portuguez, que assistia ao engrandecimento incessante de um trabalho de patriota. Como uma estancia dos *Luziadas*, que se decorou enlevadamente, em qualquer estrophe que o recitador a deixe, a nossa voz é capaz de a continuar e concluir, o Principe Real, de tão identificado com a obra de renascimento do Pae, seria capaz de lhe pôr o remate glorioso, fosse qual fosse o ponto em que o braço herculeo e honesto d'El-Rei D. Carlos houvesse parado!...

—E' ainda a sua observação que falla?

—Sempre. E n'um traço, observado em Torres Vedras, lhe vou resumir a figura de D. Luiz Filippe. Eu ordenára que todos os officiaes visita-sem as «linhas». O Principe Real, official de Lanceiros, foi tambem, e eu acompanhei-o. Em certa altura, o Principe sentou se, pensativo.

—Elle era um pouco melancolico...

—Mas nada um sentimental mórbido. Muito bem educado, herdara de Sua Magestade a Rainha Senhora Dona Amelia a flôr dos sentimentos. Não tinha exagêros, nem em religião, nem em nada. Affectuoso e educ do como seu Pae, em El-Rei D. Carlos tinha um retrato do que é a cortezia e o respeito, dentro do affecto. Assim, El-Rei D. Carlos n'umas manobras, n'uma jornada, n'uma inauguração de caminho de ferro, mal chegava o seu primeiro cuidado era telegraphar as suas impressões á Rainha. Sempre! E eu acompanhei-o o bastante para poder dizer que era sempre. Com todas as dedicadezas d'El-Rei D. Carlos, o Senhor D. Luiz Filippe herdara da Rainha o sentimento bem entendido. N'essa viagem a Torres, dizia eu, o Principe Real sentou-se n'uma d'aquellas soberbas defezas das *linhas*. Vendo-o pensativo, proguntei-lhe:

—«Vossa Alteza Real em que pensa?»

Então o Principe, com o olhar do Illuminado de Sagres, abrangendo na sua mão branca a magestosa immensidade da defeza das linhas de Torres, como quem acabava de discutir entre si e render-se á evidencia do sonho de renascimento patrio, que trabalhava a alma d'El-Rei D. Carlos, respondeu:

—«*Penso n'este nosso Portugal que tem tudo para ser grande! até esta admiravel defeza!...*»

O sr. Vasconcellos quedou-se um momento, abstracto, reconstituindo talvez a admiravel visão d'esse dia, em que a aguia real pousou nas emminencias das linhas de Torres Vedras, e, dominando a sua tristeza, rematou:

—Como nós nos não podemos aperceber do movimento da Terra, por n'ella estarmos, o Principe Real não se apercebia de que Portugal, para vir a ser grande, até o tinha a Elle! . Do que o Principe se apercebia, d'olhos gratos e enlevados, era do que muitos ainda hoje se não apercebem,—do grande Rei que estava sendo El-Rei D. Carlos, e da florescente época de renascimento para que o seu reinado nos estava encaminhando.

Joaquim Leitão.

SUA ALTEZA REAL O PRINCIPE D. LUIZ FILIPPE
(Assassinado em Lisboa no dia 1 de Fevereiro de 1908)

O PRINCIPE REAL

Numa tarde de dezembro de 1894, na vespera de embarcar para Lourenço Marques, foi um official despedir-se, ao Paço das Necessidades de Sua Alteza Real o Principe D. Luiz Filipe. Com aquella seriedade tão precoce nos seus tenros annos, quiz o moço Principe saber o que levava á Africa o Commissario Regio Antonio Ennes e qual a missão dos officiaes que o acompanhavam. Com curiosa atenção ouviu delinear o vasto plano cuja execução resolveria um dos mais delicados problemas coloniaes, que havia muito o Pais tinha defrontado. Depois, pegou num dos seus retratos, com a farda do Collegio Militar, e, com a sua escrita ainda infantil, traçou as seguintes phrases:

Deus os leve em bem! Combatam pela Patria!

Grande e seguro era o apoio para o pesado encargo! Feliz auspicio foi para o official, e depois para a Expedição, o voto elevado do moço Principe. A fé em Deus, o culto da Patria foram nelle, desde criança, sentimentos quasi inseparaveis; encarnára-se o segundo no preito rendido a seu Pae em quem o seu coração parece que advinhava as grandes qualidades que mais tarde a sua intelligencia ia fazer apreciar. E assim o Principe Real Portuguez foi, durante a sua curta passagem n'esta terra, a mais elevada personificação d'aquella altiva divisa que fizera affinal a nacionalidade da qual elle foi por certo uma das mais nobres representações—Deus, Patria e Rei!

Os acontecimentos que se vão desenrolando, desde os Balkans ao Mar Egeu e desde o Mar Negro ao Adriatico, estão diariamente demonstrando o que vale e para que serve a forma monarchica.

Bulgaria e Servia, Montenegro ou Grecia, são a obra pessoal e directa dos Reis que lenta e cuidadosamente souberam ir preparando as suas nacionalidades para tão gloriosos destinos. Mas não ha no mundo nacionalidade cuja historia mais que a nossa seja obra dos seus Reis.

O Primeiro Rei, é o creador da independencia Nacional; e quanto a dynastia d'Aviz vem encarnar outra vez essa independencia, encontra criado o poder naval, instrumento d'expansão nacional, tão forte, tão homogeneo, tão consubstanciado com forças as vivas do Pais que, em duas gerações, o infante Navegador e o Principe Perfeito lançam as bases d'aquelle imperio que ia fazer intitular-se o Rei Venturoso, Senhor da Conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India! E esse titulo, que parece lendario, não era senão a affirmação literal do formidavel poderio que o genio d'Albuquerque soubera firmar na Asia, desde Ormuz até Malaca! Nunca a politica orientada, pratica, elevada e grandiosa d'uma longa serie de Reis teve por cupula tamanho edificio.

A Dynastia de Bragança defrontou-se, quando novamente criou a Independencia nacional, com aquella monarchia que não conhecia no seu territorio o Ocaso do Sol. E só 73 annos mais tarde é que uma politica tão tenaz e tão astuta como porfiada e heroica fôra a resistencia armada, conseguia fazer aceitar á Europa e ao mundo, na Paz d'Utrecht, o que nós resolveramos em Lisboa na madrugada de 1 de Dezembro de 1640!

Mais tarde, quando o Genio de Napoleão fazia vacillar os thronos da velha Europa, foi ainda, por um acto de habil politica e de muito longa data previsto, que a Casa de Bragança soube, trasladando a Côrte para o Rio de Janeiro, manter o pais na plenitude dos seus direitos, e das suas esperanças.

A nacionalidade portuguêsa acostumara-se assim a ver na sua Casa Real a salvaguarda da Independencia, e no Rei o seu mais elevado representante; fôra um Rei o mais heroico defensor do regimen moderno, aos seus descendentes devia a politica que soubera defender o dominio ultramarino, da cubiça alheia. Monarchia, independencia nacional, dominio ultramarino eram pois historicamente, para Portugal, indissoluveis. E tudo, quanto podesse contribuir para que uma tal união se traduzisse em força activa e civilisadora, era portanto um elevado serviço á Integridade nacional. Assim o viam superiormente os espiritos d'aquelles grandes portuguêses que modernamente encarnaram o genio colonisador da raça; por isso Antonio Ennes e Mousinho ambicionavam o dia em que o Principe Real Português fosse com a sua presença estimular no Ultramar todas as forças vivas da nação.

A situação colonial em 1907 prestava-se singularmente a realisar essa aspiração. Na recente conferencia de Bruxellas, acabava o Governo de então d'alcançar victoriosamente, e contra a expectativa geral, um largo periodo para que a transformação da industria do alcool em Angola pudesse ser levada a effeito, sem prejuizo do Estado nem do agricultor. Não tinha por este lado a questão dos serviçaes em S. Thomé assumido a gravidade que mais tarde veio a revestir. A bem dizer, não existia ainda. E, na Costa Oriental, a reorganisação administrativa da Provincia de Moçambique—realisando os votos que a mesma vinha de ha muito manifestando, e satisfazendo uma necessidade que Antonio Ennes e Mousinho tinham declarado imprescindivel,—viera dar á Africa Austral, unida já sob a bandeira da Gran Bretanha, a impressão clara e nitida de que á Provincia eram dados os meios para collaborar de egual para egual com as colonias inglesas companheiras, na grande obra de civilisação e desinvolvimento que a União Sul Africana gloriosamente encetara. Portugal mostrava-se assim digno do seu passado historico e consciente dos deveres que elle lhe impunha na politica da immensa região que acabava de entrar unida no edificio grandioso do Imperio Britannico.

Não admira assim que a noticia da viagem do Principe Real encontrasse em todo o Ultramar Português um acolhimento enthusiastico. As Provincias Ultramarinas recebiam esse acto de politica verdadeiramente nacional, como uma demonstração inequivoca do interesse da Mãe Patria e do cuidado que mereciam os diversos e variados problemas de que dependia o seu futuro. Provincias, parte integrante da metropole, é certo, mas com a sua vida propria, orientada segundo as necessidades de cada uma, e não sumidas e annulladas pela centralisação num molde theorico, imaginado no gabinete: Era um symptoma de Vida Nova, mais ainda, era o inicio da nova orientação colonial, integrando-se na verdadeira tradição nacional; ninguem mais nem melhor que o Principe Real, representante da monarchia, podia traduzir no Ultramar a realisação d'essa obra, dando ao mesmo tempo á Europa e ao mundo, com a importancia que para a Patria Portuguêsa apresentava o seu Imperio Colonial, o exacto sentir da vontade nacional em justificar essa posse de seculos com o seu perenne progredir.

O sentimento patriotico tão caracteristico no Principe Real, o seu espirito eminentemente culto fizeram-no entrar admiravelmente na realisação dessa ideia que o alto senso politico d'El-Rei D. Carlos immediatamente approvára. E durante as longas horas da travessia quiz ainda o Principe que lhe fossem expostos, com a historia contemporanea das Provincias que ia visitar, os problemas que mais directamente interessavam a cada uma, para que pudesse traduzir praticamente na sua visita o seu desejo d'aprender e de ser util ao Pais.

Da forte personalidade do Principe Real emanava uma singular atracção; a amenidade do trato e a seriedade do caracter, a alegre communicabilidade da sua mocidade eram outros tantos elementos da simpathia que despertava. Não ha duvida de que nas diversas provincias, governadores e administradores á porfia tinham procurado corresponder á honra da visita com a condigna recepção. Mas a pessoa do Principe Real mais que ninguem contribuiu para que essa viagem fosse uma verdadeira apotheose da monarchia. O velho ultramar português parecia remoçado ao aclamar ferroroso a radiosa mocidade do herdeiro da Coróa Portuguêsa. E para o seu coração ardente no culto da patria, que gratas eram as homenagens de respeito prestadas pelas nações colonisadoras que elle ia encontrando na sua róta: a Hespanha, a velha rival, na epoca em que o mundo parecia pequeno para abarcar as duas nacionalidades da Peninsula; o Estado livre do Congo, a recente criação de um dos maiores genios politicos: a Gran Bretanha, mestra da difficil arte de governar esse imperio que só teve semelhante no Imperio romano! depois, como se ufanava de ser português, como sentia e percebia a grandeza do nome que os seus tinham feito; admirando o que o trabalho nacional produzia nas roças de S. Thomé, nas fazendas d'Angola ou nos Prazos da Zambezia, podia sentir como a Mãe Patria devia interesse e apoio a quem amanha riqueza Nacional soubera criar.

A força, ai influencia da acção portuguêsa entre os indigenas, ouvia-a nas canções de Cabo Verde ou S. Thomé, nos *vivas D. Maria 2.ª* com que o receberam os naturaes de Angola, e mais que tudo na inolvidavel acclamação dos tantos milhares d'indigenas reunidos em Lourenço Marques.

De facto, em todas as linguas indigenas da Africa Austral, o portugués é *branco* por excellencia; todos as tribus sabem bem que esse *branco* foi o primeiro estranho que aportou ás suas praias ou devassou o segredo dos seus sertões. Quando em Lourenço Marques chegou a noticia da Viagem do Principe Real, a ideia de ver o filho do *Rei* por excellencia, d'aquelle que no mais remoto das tradições africanas representa e symbolisa a civilização europeia e a força da raça branca, determinou em todo o interior uma verdadeira migração. E a *parada dos indigenas* em Lourenço Marfoi uma triumphante affirmação do prestigio português, impondo ao estranjeiro o respeito pelo nosso nome. «Só vocês podem conseguir isto, fazer desfilar vinte e cinco mil indigenas armados em guerra, numa cidade europeia, com alguns centenares de brancos de guarnição.» Esta phrase, de um dos mais conhecidos politicos sul africanos, ora a demonstração d'uma acção civilizadora, datando de seculos, justificando o papel que a historia desde o periodo epico das descobertas nos tem mandado desempenhar no Continente Africano.

Nas homenagens prestadas, nas saudações que ouviu, nas aclamações que o acolheram pode o Principe Real, na sua visita ás colonias Sul Africanas, perceber o respeito pelas tradições da sua Patria; no agradecimento pela honra dispensada, a confiança na futura collaboração de Portugal na grande obra que encetára a União. Começou a digressão pela Rhodesia, estivera depois no Transvaal, em Durban, no Orange, em Kimberley para descer até ao Cabo da Boa Esperança. E quando por uma soberba tarde de agosto, o *Africa* largava lentamente dos Caes de Cape-Town e aproava na viagem de regresso á Patria, era licito, a todos que tinham tido a subida honra de acompanhar o Principe Real, vêr ainda no nome, que numa visão prophetica dera o Principe Perfeito, um feliz auspicio ao futuro d'uma Patria Querida e d'um Principe que tambem se nos afigurava *Perfeito*. Tão alto tinha elle sabido levantar o nome portuguès, tão fecunda e tão estimulante fôra a sua Presença, tamanhas condições reunia elle para aproveitar a grande força nacional que se desenrolára aos seus olhos! Pela solidão immensa das aguas, na vastidão azul dos mares, a caminho da Patria, quanta aspiração que padecia já realidade, quanto projecto que se via effectuar, que orgulho em ver redivivo e encarnado em tão gentil e nobre figura, todo o grande provir d'um Portugal maior! A obra colonisadora da nação representava-se agora no Herdeiro da Monarchia. Os echos da gloriosa campanha do Cuamato, vinham ainda a Mossamedes como que dar mais corpo a todo esse estranho anceio. Depois, ...a chegada a Lisboa, os *politicos* divorciados do sentimento nacional... E depois?

. . . . . .

O Principe Real foi *assassinado* no dia 1 de fevereiro de 1908.

Ayres d'Ornellas.

UM PRINCIPE DE PORTUGAL

Os Primeiros Annos de S. A. R. o Senhor D. Luiz Filipe

Entrevista com a Senhora Dona Izabel Saldanha da Gama

Se o monumento a El-Rei D. Carlos está por levantar em toda a sua grandeza, e espera ainda o definitivo cinzel de justiça que ha-de reanimar o marmore da verdade, — a elevada figura do Principe Real Senhor D. Luiz Filipe nem sequer teve ainda quem a entremostrasse á alma portuguêsa.

O Principe foi chorado com as lagrimas dadas á inocencia. Sobre o seu tumulo caíram apenas as flôres que transbordaram da urna do Rei.

A sombra magestosa do Pae encobria o vulto do Filho.

Como não houvera de assim ser na morte, se em vida o Principe era, como o Rei, ignorado do Povo! Grande desventura para os reis, infortunio maior para as greys.

Da antiga concepção da realêza que sobrevive na alma das multidões, e mercê da qual os reis são de oiro macisso, ficou o geito de transtornar, ao ouvido da tradição, as figuras mais estimaveis e mais poeticas da galeria real.

O amor regional que vestia a jaquêta alemtejana de El-Rei D. Carlos, foi traduzido por instincto de plebeismo. E todas as suas delicadezas moraes, toda a sua elevação affectiva, todas as suas predisponencias estheticas, todas as qualidades naturaes do homem bom sublimadas no Rei, foram enforcadas nos alamares d'aquella jaquêta.

O pobre Principe Real ia já a ser victima da mesma fatalidade.

Na melhor das intenções, o que começava a chegar á tradição da rua, como traço dominante do Principe? a sua boa pontaria acertando em passaros á pistóla.

A alma, o espirito, o temperamento, tão português! de D. Luiz Filipe, quanto mais longa fosse a sua vida mais obscuros e menos conhecidos seriam da nação.

Por isso, Portugal chorou o Principe Real com as lagrimas dadas á inocencia, com as mesmas lagrimas que lhe daria se elle houvesse morrido no bêrço, antes de em volta do seu nome florir a esperança de termos ali um grande rei.

Pois agora, Portugal vae chorar D. Luiz Filipe com o mesmo consciente desespêro que tem chorado El-Rei D. Carlos.

O amor por Portugal; a identificação com a Patria; o culto pela Bandeira; a fé no ressurgimento da gente portuguêsa; a ternura, a admiração, a paixão pelo Pae, como Pae e como Rei; a sua saborosa linguagem, que tinha o perfume do portuguès dos chronistas; a sua precoce intuição do que era governar um povo; o respeito pela sua alta condição de Principe de Portugal; — e todo esse amor, toda essa identificação, toda essa ternura, essa fála portuguêsa de lei, essa noção do que era reinar e esse respeito pelo que Elle representava, revelados desde creancinha, elevavam o Principe á symbolica summidade do Portuguès!

Ha que chora-lo, não como uma adolescencia cruelmente sacrificada, mas como a um Principe de Portugal, um Principe que resumia tudo quanto a alma portuguêsa tem aprendido para ensinar um homem a ser grande, a ser bello, a ser nobre!

Pêna é que só agora, tão tarde! venha aonde ao conhecimento dos portuguêses a alta e muita valia do Principe que a si mesmo, com a voz dos seus cinco annos, se intitulou Principe de Portugal.

Esta revelação, do muito que já era e mais viria a ser o Senhor D. Luiz Filipe, nós mesmos só a tivemos integramente ao ouvir a senhora dona Izabel Saldanha da Gama, ler, commovidamente, as notas que, dia a dia, hora a hora, ia tomando, ao seguir o desabrochar da grande alma que nos primeiros annos da vida a teve por preceptora.

A sr.ª D. Izabel é uma senhora em cuja fronte transparece a pureza d'uma intelligencia, em cujos olhos luz a luz magoada d'uma saudade.

Tudo quanto saisse da sua bocca, jamais ageitada á inverdade, seria sempre um evangêlho. Mas estas suas palavras teem felizmente a defendê-las da suspeita ou do perigo de serem a natural exaggeração da sua inconsolavel saudade auto-suggestionando-a, um volume de pequeninas memorias em que se vê crescer, caminhar, elevar-se ás alturas d'uma Figura — que hade ficar entrelaçada nas mais queridas e commoventes legendas portuguêsas —, a figura do Principe D. Luiz Filipe. Não é depoimento d'agora. E' o traço d'aquella vida, o echo d'aquella voz de D. Luiz Filipe, registado sol por sol, o sulco d'uma infancia cujos passos se ouvem pelos corredôres do Paço, até nos apparecer já principe e martyr. E' o diario d'uma enlevada admiração que nunca suppôs estar a escrever para um dia o doar ao publico, e que agora tem, por isso, os fôros d'um documental. Com esse livro no regaço, a figura esvelta do chorado Principe ante os olhos, a senhora dona Izabel Saldanha da Gama vae lentamente reconstituindo o bloco, juntando — esfalfada de dôr e de saudade —, as cinzas puras até passar ás mão da admiração collectiva

O PRIMEIRO RETRATO

d'esse Principe de Portugal:

— Quer então que lhe fále do Principe? ...

— Para que Portugal, que já instinctivamente o chora, venha a pranteá-lo ainda mais, e a saudade do pais seja tão grande e tão profunda como a sua, minha senhora! ...

— Custa-me muito! ...

Houve um silencio frio de cathedral drapejada de crêpes, o tempo de atinar com o reposteiro na treva d'um pórtico.

Depois, a vista bateu deslumbrada nos jorros de luz d'um altar, e, como ao longo d'uma nave gothica o fio d'um orgão, a voz da mesma senhora foi narrando a vida do Principe em pequenino:

— O Principe era a perfeição! as suas phrases não eram as phrases, as gracinhas das outras creanças. Ouvi-lo dava encanto e assombro. Tinha a precoce elevação, que faz dizer ao nosso povo: «Este não é da terra, é do céo; é impossivel que a saudade de Deus o não chame depressa!» Uma vez, devia ter cinco annos, passava commigo, de carruagem, pela Junqueira; andavam lá a aterrar; e observando os trabalho do atêrro, o Principe exclamou:

— *«Tiram a vida ao mar para a dar á terra!...»*

— Falava muito com essa poesia?

— Sempre. Tinha um portuguès ao mesmo tempo dôce e vernáculo, uma linguagem tão linda, tão d'Elle, tão repassada de poesia! Falando-se de dactas que vinham proximas, e dizendo o Principe que estava ancioso pelo dia dos seus annos — 21 de março —, perguntou-se-lhe se era para receber os seus presentesinhos, ao que Sua Alteza replicou, enfadado:

— *«Não é nada d'isso! é para nascerem na Tapada as flôres de que tanto gosto!»*

E vendo uma olaia em flôr, considerou satisfeito:

— *«Bem se vê que vem vindo á primavera!»*

— Era o culto da natureza!

— Grande! Enternecido! A natureza, a paysagem fôram a symphonia do seu entranhado amor a Portugal. Parece que estou a ouvi-lo, a um amanhecer:

— *«O' dama! como a janella está enfeitada pelo dia!»*

Primor de creança, lindas falas! ... Dando com Elle, a olhar muito attento para uma arvore, preguntei: *«O que está a ver, Principe?»* Resposta:

— *«O' pouco que as folhas mexem.»*

E era um tudo assim! Vendo uma estrella, admirou:

— *«O' que linda estrella! será a que annunciou a Deus?»*

E vendo o mar:

— *«Ai que belleza! que delicia! mórro pelo mar. Por isso gosto de Cascaes.»*

Ia nos seus cinco annos, e não voltára a Cascaes desde o outomno em que morrêra D. Luiz I; ao chegar lá, o Principe entrou a recordar-se, e como a sua memoriasinha o levava pouco a pouco pela senda do seu breve passado, exprimiu-se assim:

— *«A minha cabeça está começando a andar para traz!»*

— Sangue de marinheiro e de poeta, as duas costellas do portuguès!

— E com que grandeza, o querido Principe sabia dizer hymnos de gratidão á natureza! Uma vez, vendo na Pêna um d'aquelles explendidos nevoeiros em que o castello parecia cercado pelo Oceano, o Senhor D. Luiz Filipe agradeceu assim esse espectaculo:

— *«Meu Deus! meu grande Deus! que linda coisa vós fizestes para eu ver!»*

— Mas, minha senhora, assim só escreveu o Padre Manoel Bernardes que não sei se falava tão alevantadamente como escrevia!

— Pois sete annos não contava o Principe quando falou assim:

— *«Se visse Deus, cahia para a banda. Se não posso fitar o sol, quanto mais o creador do Sol!»*

— Lindo dizer!

— E não tirava que o Principe tivesse, a par d'estas expressões, as suas sahidas de creança. Um dia, ficou de castigo por qualquer maldade. Andou todo o dia com a D. Carlota Campos atraz d'Elle; mas á tarde foi tomar um pouco d'ar ao terrasso; e, vendo d'ali uma crança fazer uma maldade egual á que lhe valêra o castigo, disse:

— *«Vi um espelho!»*

— Tem muita graça!

— Oh! e não tinha só graça de creança, tinha mesmo espirito! Mostrava-se-lhe uma gravura representando o Diluvio, e dizendo-se-lhe que os peixes estavam a affogar-se, mostrou com esta sobriedade a sua estranheza:

— *«Peixes a affogarem-se?! ...»*

— A idade devia fazê-lo um ironista.

— E não foi preciso que estivesse muito carregado d'annos. Estando á meza perguntou ao creado que o servia:

— «O que traz?»

— *Estufado, meu senhor?*

— *Pois se é estofado, tire d'ahi e põnha numa cadeira.»*

— Numa creança já tem valor.

— Em Monserrate, ouvi eu ao Principe outra phrase que teria valor até numa pessoa grande, que fosse superiormente espirituosa.

— O que foi, snr.ª D. Izabel?

— Tinhamos ido a Monserrate, e eu ... Mas primeiro preciso dizer-lhe que o Principe não tinha licença de apanhar flôres em Monserrate. Exclamando eu: «Que paraizo!», veio logo a resposta:

— *«E' um paraizo, é! não se póde apanhar nada ...»*

— Tudo isso em pequeno?

— Tudo isto, desde os 3 aos 7 annos. Para aquelle senhor, a vida foi sempre uma coisa séria, não esperou pela idade para se revelar o caracter forte. As suas mesmas brincadeiras eram encaradas como um trabalho. Assim, o Principe tinha a paixão da mechanica. Ainda em Belem, fugia para as officinas do serralheiro, e para o encarregado da luz electrica do Paço, fazendo-se explicar pelo machinista as machinas e os dynamos; e na sua conversação de então appareciam os dynamos, válvulas de segurança, accumuladores, todo o vocabulario do electricista. Essa paixão pela mechanica e pela electricidade obrigou a fazer-se-lhe uma blusa de ganga azul, e um aventalinho de camurça. E como andava sempre a mexer em ferramentas, disse-se-lhe: — *«Essas mãos não são de Principe!»* E D. Luiz Filipe, muito prompto e formal:

— *«Não que eu não quero ter mãos de principe nem de duque, mas de machinista.»*

Em tudo, o Principe encontrava um motivo de reflexão, em todas as occasiões ensejo de affirmar as suas inclinações. Falava-se de madre-perola, e o Principe preguntou.

— *«O que é Madre?»*

— *Mãe.*

— *«Não sabia que as perolas tambem tinham vida.»*

E disoutindo-se uma vez a educação de principes, notando-se que uns só queriam sciencias, outros a agricultura, outros a espada, o Principe D. Luiz Filipe declarou:

— *«Eu escolhia duas d'essas coisas: os livros e a espada.»*

— Qual era a paixão caracteristica, a vocação do Principe?

— A sua vocação era ser um grande Portuguès dentro d'uma grande epoca de Portugal! O seu temperamento polymorpho fazia d'elle uma pessoa apta para as bellas artes como para a mechanica, um especulativo e um homem de acção, um melancolico e um enthusiasta, e cada uma d'essas facêtas marchetada de grandeza, de fé, de seriedade. Numa exposição que viu no Porto, aquillo de que mais gostou foi um tear. E estando doente, fez esta consideração:

— *«Porque será que quando estou doente estou bom, e quando estou bom estou máo!?»*

— E' um cerebrosinho de philosopho servido por uma dicção de classico!

— E o seu subjectivismo tinha um quê da dôce inclinação do condestabre. Mousinho d'Albuquerque dizia, um dia, d'um seu camarada que devia ser um santo, porque fazia tudo quanto queria. E o Principe commentou:

— *«Como é bom ter querer no bem e não no mal!»*

— Era creança ainda ou já estava aos cuidados do Mouzinho?

— Ainda não tinha feito a primeira communhão. Tudo quanto lhe estou contando e tenho para contar é o passado emquanto esteve aos meus cuidados. Mas olhe que eu muitas vezes tinha a impressão de que não estava a lidar com uma creança, tão de homem e tanto da gentilleza de cavalleiro havia nos primeiros annos do Principe. Mesmo nos traços mais insignificantes, como este passado em 1893: O Principe deu ao Reider, picador, uma fôlha de hera que lhe promettêra; e como se lhe dissesse que não valia a pêna, o Principe replicou:

— *«Então! não podia deixar de lh'a dar. Prometti, palavra de principe não falta.»*

E este gesto airoso que parece entrevisto nas antigas côrtes d'amor?! e que eu presenciei na infancia d'aquelle senhor: no dia da S.ª da Assumpção, o Principe disse que queria pôr a espada. — *«Porque quer enfeitar-se, Principe?»*

— *«Porque é o dia d'ama Senhora.»*

— E' na verdade cavalheiresco, e é tambem contemplativo.

O SEU AMOR A' PATRIA

— E'. O Principe parecia ás vezes um condestavel pequenino. Mas a sua fé não o immobilisaria nos extasis, a sua fé era uma força para vencer Aljubarrotas. Mostrando-lhe uma imagem que se lhe disse ser do Bom Pastor, exclamou:

— *«Pastor do mundo! e que poder que tem esse pastor!»*

Dando lição de doutrina, que falava na Eucharistia, o Principe ponderou:

— *«Que grande milagre! o pão fazer-se em Deus!»*

E noutra occasião:

— *«Antes quero me matem do que dizer que não ha Deus!»*

Mas, repito, a fé que demorava na alma do Principe, Elle servia com ella a sua predisposição para as grandes acções, e o proprio Santo Padre elle o punha ao serviço da Patria.

— Denotava-se já o amor á Patria?

— A idea de Patria era a idea de sempre, a idea constante, ideal que nasceu com Elle. Era março, a 3, anniversario da sagração da S. Santidade Leão XIII, e bebendo á saude de Sua Santidade, o Principe fez este voto:

— *«A' saude do Santo Padre, e para que reze por Portugal!»*

O Principe disséra ao infantesinho, explicando-lhe quem era o Papa:

— *«E' a maior autoridade que ha no mundo: representa o Pae do Céo!»*

Mas ao beber á saude d'essa autoridade maior, o Principe acerescentava:

— *«... para que reze por Portugal!»*

E passando as fôlhas do seu livro, com a lentidão do enlêvo, com a lentidão de passos que se despedem a custo de logares queridos, a sr.ª D. Izabel exclamou:

— Ouça este traço, tão mimoso! Na lição de doutrina havia sempre a preocupação de o fazer rogar estas duas qualidades: generoso e valente. Um dia o Principe, andando a brincar, bateu com a cabeça, e não chorou:

— *«Viva o Principe Real que não chorou!»* Disse eu. E o Principe respondeu:

— *«Eu tinha pedido coragem ao Menino Jesus!»*

— E' muito gracioso! ... El-Rei D. Carlos devia adorar o Principe? ...

— Todos os momentos que podia estava com elles. Vi-o de joelhos, carregando os filhos, e nada perdia da magestade. Mas tambem o Principe morria pelo Pae! Uma vez que S. S. M. M. foram ao castello do Alvito, o Principe, tendo ficado nas Necessidades, com a D. Carlota Campos e commigo, disse:

— *«Não estando os Paes é como ser orphão!»*

— Mas a ternura do Principe por El-Rei era o amor filial apenas? Como amava elle o Senhor D. Carlos? Como pae ou como rei?

— Como Pae e como Rei! que no coração do Principe o Reino e o Rei eram uma mesma imagem! O orgulho que tinha em seu augusto Pae era egual ao orgulho que tinha em ser Portuguès. Desde pequenino! Estando no Parque da Pêna, os passeantes que viam aquella creança muito linda, com os seus cabellos loiros, paravam. Um disse: — «E' inglês.» E o Principe retorquiu:

— *«Pois sou portuguès!»*

E ainda se virou para traz, para acerescentar:

— *«Portuguesissimo!»*

Mas disse isto com a emphase desvanecida do patriota. Com o Pae vivia em continua adoração. Quando foi da viagem regia ao Porto, que o Principe viu El-Rei a cavallo, exclamou:

— *«Que lindo que vinha o Pae, com o seu estado-maior! e com os rapazes atraz, parecia outro esquadrão!»*

Tinha presumpção no Pae em tudo. Esteve uma epoca no Circo um famoso atirador, muito falado em Lisboa; o Principe perguntou:

— *«O Pae está logo abaixo do atirador?»*

— «Senão acima!» — respondi eu.

E o principe acentuou:

— *«Eu falo na pontaria!»*

A sr.ª D. Izabel Saldanha da Gama volta algumas fôlhas atraz, passou para deante, retrocedeu a sua investigação, e, por fim, encontrando o que queria recordou:

— Em 21 de junho de 1893 vestiu o Principe

pela primeira vez o fardamento do Collegio Militar. Na vespera cortava os seus lindos cabellos, e a 21, ao lado d'El-rei, passava revista aos collegiaes formados. Foi um dia feliz para o Principe! Quanto como creança se preparára para amar a farda do official português! Uma vez combinou esta brincadeira commigo: Elle fazia de Rei, e eu era Sua Alteza. E o Principe preguntava, fazendo voz grossa:

—«*O' pequeno! queres servir a tua Patria? com peças?*»

—*Quero, sim, meu senhor.*

—«*Pois, então, tens de deixar a tua querida cavallaria e ir para artilharia!*»

—A Patria! Sempre!

—Sempre! A Patria e o Rei! Rezando ao Anjo Custodio, dizia-se-lhe: — Pelo Reino...—, e o Principe apressadamente accrescentava:

—«*E pelo Rei!*»

Era uma loucura, um preito commovente! E, quando a gente o suppunha muito entretido a brincar, do peito do Principe sahia um grito de Portuguès! Uma vez, em fevereiro de 1894, Elle sahira com outras creanças, seus companheiros de brinquedos; um pequenito, assim que o Principe chegava, tirava o boné, muito reverencioso; e o Principe disse-lhe:

—«*A mim não tem nada que fazer. Agora á Bandeira, sim, á Bandeira toda a gente!*»

E de cada vez que, andando a brincar com a sua espingardinha, ouvia o Hymno, perfilava-se e ficava em continencia até acabar o Hymno, Um dia — era dia de grande gala, não sei se até annos de Sua Alteza —, Sua Magestada a Rainha D. Maria Pia ia la jantar. O Principe estava a deitar-se quando a Avó chegou. A banda tocou o Hymno, e o Principe perfilou-se, de olhos fechados. Perguntado se tinha somno, respondeu:

—«*Não é somno, é seriedade!*»

—E' adoravel!

—Era uma figura de arrebatar! Tanto El-Rei como S. M. a Rainha tinham esta preoccupação na educação do Principe: que Sua Alteza bem merecesse da Patria pelo que valesse, pelos seus meritos e virtudes. E o Principe foi o que Suas Magestades desejavam. Eu vi despontar, naquella alma portuguêsa, todos os grandes sentimentos da Raça. Era português na linguagem, imprevisto e delicado como um litterato-nato, reflexivo (as suas respostas nos exames, dadas depois de meditar, alheado da côrte que assistia, a cabeça entre as mãos!) e espirituoso, subjectivo e cavalheiresco, enlevado e simples. E, desde tamanino, os traços magistraes e caracteristicos vincaram definitivamente a figura do Principe: a ternura pelo Rei, o culto pelo Reino! Toda a nobreza que um grande sentimento demanda, no Principe a havia. Os seus brindes de creança eram orações quinhentistas:

—«*A' saude d'El-Rei, da Rainha, e d'este Pais para que Deus o faça o que elle deve ser!*»

—A Patria!...

—Viu-se num grande orador, que cantasse as nossas glorias e os nossos feitos, ha gesto mais enternecedor do que este do Principe, passando uma vez, pela Torre de Belém, e fazendo menção de a abraçar!... dir-se-ia que queria estreitar, a alma da Patria, todas as almas de Portugal!

—E' realmente soberbo!

—Tudo para o Principe merecia um affecto, e ainda vinha longe o florir da mocidade já elle tinha saudades de anceão. Quando passava pelo Paço de Belém, já residindo nas Necessidades, exclamava:

—«*Querida Belém! queridissima Belém! Talvez quando fôr homem venha para aqui, como o Pae quando casou.*»

E quedava-se melancolico.

—Era melancolico o Principe?

—Havia nelle um grande fundo de melancolia, e uma constante preoccupação da morte. Uma occasião, vendo um homem numa máca, preguntou:

—«*Eu em morrendo tambem vou assim?...*»

E foi!...—suspirou a dama do Principe.

O SEU AMOR AO REI

Para a arrancarmos ao espectro da sua dôr, levando-a a falar, preguntámos:

—Essa ternura do Principe Real pelo Pae cresceu com Elle? continuou depois de homem?

—Até á morte! Nos ultimos tempos vê-lo e achá-lo era ao pé d'El-Rei. Já era homensinho, e, em noites de theatro, vestia apressado a sua casaca e corria para o Pae, para ser Elle quem ajudasse El-Rei a vestir o dolmam e a pôr a espada.

—E' internecedor! Como essas duas figuras, que se haviam de juntar na morte, tão juntas e amigas eram em vida!...

—Nas vesperas d'aquelle horror... exactamente na vespera de virmos para Lisboa, como era a ultima noite que se passáva em Villa Viçosa, Sua Magestade a Rainha quiz que se arranjase um jôgo em que entrassem todos. Jogou-se um jogo de bilhar que consistia em atirar abaixo uma moedinha. Foi o proprio Principe que tirou da algibeira a moeda. O Principe jogava o bilhar na perfeição, como atirava tambem na perfeição; mas em estando ao pé do Pae era tal a adoração e a admiração que se perturbava e não fazia uma carambóla nem acertava um tiro. E nessa noite assim foi: de enlevado que estava ao Pae, não jogava direito. E eu até lhe disse «*O' Principe, que dissabor! Vossa Alteza que joga tão bem, em estando El-Rei, já não faz nada!*» Era assim sempre, com a sua loucura pelo Pae, a sua admiração pelo Pae! E não o deixava um momento, absorto em El-Rei!

—Com essa ternura por El-Rei D. Carlos, essa estima, radicada em admiração, que forte aspiração de vir a ser grande rei não devia haver no Principe?

—Havia, sim, e desde creança que o affirmava. Uma vez, num *pic-nic* em S. Pedro do Sul, cantaram-lhe uma canção que, como todas as cantigas, tinham o seu estribilho: *Dansae, dansae.* Dizia a letra:

Viva o Principe Real,
Prompto a governar Portugal!
Dansae, dansae!

Sua Alteza commentou:

—«*Não é a dansar que se governa um Reino.*»

—Que grande principe teve Portugal!

—E que grande respeito pela sua condição de Principe tinha Sua Alteza! Ainda pequenino — tão pequeno que sonhava com ladrões! —, sonhaou que um ladrão lhe preguntára se Elle era capaz de lhe dar com uma pedra, e que Elle respondêra:

—«*Não faço isso porque sou Principe de Portugal.*»

—Eis o titulo com que a commovida admiração do povo português deve evocar D. Luiz Filipe: — Principe de Portugal! tão português no falar, tão português no amor a Portugal, tão português no cavalheirismo, tão português no sonho de resurgir o grande Portugal, — D. Luiz Filipe era bem um Principe de Portugal! E o Pais que até agora lamentava a morte d'Elle como uma injustiça cruel, com pêna do Principe, passará a chorar-se a si mesmo, por ter perdido o Principe que se embebêra na fé da sua missão.

—Se o destino lhe ouvesse permittido desobrigar-se d'essa missão, o Principe cumpri-la-ia com fé, mas nunca com vã gloria. Era creança, e falando-se do futuro, alguem disse: — *A sua missão é outra: é reinar.* E o Principe, muito grave:

—«*Não direi felizmente!...*»

—Querido Principe! Como te ha-de merecer Portugal?...

—Recordando —, respondeu a snr.ª D. Izabel Saladanha da Gama —, estas palavras que o Principe escreveu, por seu punho e seu dictado, em dedicatoria de um retrato, a um official que partia para as campanhas d'Africa, de 1895:

—«*Deus os leve em bem! Combatam pela Patria!*»

Joaquim Leitão.

Patriotas

Acaba de celebrar uma entrevista com o Rei Affonso XIII d' Hespanha, D Gumersindo Azcarat, deputado republicano. No mesmo dia tinham estado tambem no Paço os Conhecidos republicanos Cossio e Dr. Ramon y Cajal.

Embora o snr. Azcarate nos diga, e nós acreditemos, ter sahido da sua conferencia tão republicano como entrára, — um encontro d'esta especie subentende qualquer cousa. Não é sem pensar duas vezes, e sem ser movido por razões ponderosas, que uma personalidade anti-dynastica com importante representação politica (convem não esquecer que o snr. Azcarate é chefe da conjuneção republicano-socialista) se resolve a um palacianismo tão manifesto e ostensivo.

Por consequencia a logica diz-nos que existem essas ponderosas razões.

Mas quaes serão ellas?

N'um numero do «Temps» de 1905, lia-se a carta seguinte:

«Meu caro Hébrard» (director politico do «Temps»).

«Li com o maior interesse o instructivo «artigo «Uma lição de politica» do «Temps» «de 27 de Junho, e em particular o trecho «seguinte: «Como Garibaldi, Mazzini, no «fim da sua carreira, soube sacrificar as suas «preferencias pessoaes ao ideal commum: «sacrificio mais penoso para um doutrinario, do que para um homem d'acção. Theo«ricos desinteressados, esses bons soldados «da patria italiana tinham concebido a uni«dade d'Italia sob a forma republicana. «Quando a experiencia demonstrou que só «a monarchia era capaz de realisar essa uni«dade, elles ficaram os soldados da Causa «cuja direcção assim lhes fugia...

«Talvez vos pareça oportuno, meu caro «Hébrard, publicar como documento d'essa «referencia historica a traducção inclusa da «carta original italiana, escripta ao General «Nino Bixio, em 24 d'Agosto de 1859, por «Giuseppe Mazzini, carta na qual o nobre «republicano affirma justamente a ordem de «patrioticos sentimentos a que o vosso ar«tigo faz allusão.»

Segue a carta de Mazzini, que desnecessario se torna reproduzir aqui.

Garibaldi, Mazzini, — ideiaes republicanos abatendo a intransigencia doutrinaria perante o problema positivo da «Italia Una».

?Não valerá a «Iberia Una» sacrificio egual a Cossio, Ramon Cajal, Gumersindo Azcarate, e por ventura a outros republicanos hespanhoes, em cujo animo mais impere a voz dos interesses nacionaes, do que o impulso da paixão sectaria?

Deixando as nossas irmãs latinas, volvâmos os olhos para nossa casa.

Havia em tempos uns portuguezes que tinham dedicado os seus esforços, e a sua vida, á ideia do «Portugal Maior», isto é, á execução de um plano de re-urgimento colonial, commercial e maritimo, apoiado principalmente na colonização d'Angola, e nas relações successivamente mais intimas com o Brazil e com os esparsos nucleos das colonias d'emigração portugueza.

Via-se com evidencia que uma empreza de tal quilate nunca poderia levar-se por diante, senão á sombra de uma situação internacional quanto possivel favoravel e segura.

E, com não menor evidencia, se verificava que esse indispensavel factor, que a monarchia nos obtivera, só com a persistencia da mesma monarchia nos poderia ser conservado.

Vistas todas essas circunstancias evidentes, um d'esses portuguezes acima referido quiz, — ahi por principios de 1910, — fazer uma consulta fundamentada aos principaes dirigentes republicanos (com alguns dos quaes tinha relações) apelando para o seu criterio, e discutindo parallelamente a necessidade (que se lhe figurava absoluta, sob o prisma patriotico) da transformação da sua attitude revolucionaria e desagregante, n'uma attitude reformadora e governativa, visando, sem prejuizo das suas theorias politicas, a uma participação por assim dizer constitucional, na vida publica, incluindo mesmo uma eventual cooperação futura no exercicio do Poder.

Estou a ver os leitores a rirem-se de tanta ingenuidade junta.

Emfim, para levar o proposito a effeito, lembrou-se, o tal portuguez, d'entender-se primeiro com aquelle dos chefes vermelhos que julgava mais sincero, prudente e moderado.

A resposta... nem vale a pena descrevel-a.

Basta saber-se que o lunati o ficou desde logo convencido da inutilidade de quaesquer outras diligencias e entrevistas.

Garibaldi e Mazzini...que piflos patriotas!

Um Visionario.

Notas de um lisboeta

Historia

...E o professor, fechando o livro, disse:

— Findou pois n'essa tarde de 1 de Fevereiro a Historia de Portugal.. Passaremos agora á Historia de outros povos.

Os rapazes olharam-se surprehendidos.

Então não pertenciam á Historia todos aquelles factos que se tinham ido succedendo, de que elles tanto ouviam fallar, a muitos dos quaes tinham assistido, embora os não comprehendessem?

E um d'elles, mais desembaraçado e mais vivo, perguntou:

— De 1 de Fevereiro para cá, nenhum facto então se deu, nenhum homem se revelou.

— Sim... alguns muito poucos... e d'elles lhes fallarei um dia d'estes. São factos isolados, rarissimas excepções. Fallar-lhes-hei d'elles como elementos necessarios para a biografia de dois ou tres homens apenas.. arvores erguendo altivamente os troncos em meio de um deserto... restos de arvoredo forte em que sobresahiam, como sobreiros gigantescos, os grandes portuguezes de outr'óra.

Os rapazes ficaram silenciosos. Depois um d'elles murmurou:

— Ficamos ignorando então o que em Portugal se tem passado, n'estes ultimos annos?

— Outros que lh'o ensinem... Eu não... Quero ensinal-os a amar a terra em que nasceram, porque é esse amor a base essencial da força, do progresso e da felicidade de um povo. Não quero, nem devo, lançar lhes no espirito infantil o germen de que, chegada a edade da razão, brotaria o desprezo pela terra que todos devemos amar.

E abrindo um outro livro o professor repetiu:

— Findou pois a Historia de Portugal n'essa tarde de 1 de Fevereiro... Vejamos agora o que tem feito os outros povos n'estes ultimos annos...

Anselmo.

ECHOS

Falta de espaço

O grande desenvolvimento que tivemos de dar á primeira parte do nosso numero de hoje não nos permitte publicar muitas das nossas habituaes secções, como nos obriga a retirar varios echos e artigos.

Publical-os-hemos no proximo numero.

Protesto

Com este titulo recebemos uma carta do parocho de uma freguezia do norte, em que em termos nobilissimos protesta contra as perseguições que se tem feito á Egreja e os vexames, a que se tem pretendido sujeitar sacerdotes respeitabilissimos.

Não publicamos esse protesto porque não temos a segurança de que seja verdadeira a assignatura que o subscreve, e consideramos muito grave fazer essas publicações sem a certeza completa de que se não trata, como já tem succedido, de um abuso.

Quando tenhamos a certeza da authenticidade d'essa carta, com todo o prazer a publicaremos, pois as nossas columnas muito se honram em que n'ellas se affirmem, com altivez e com nobreza, caracteres dignos.

A tempestade

Ruge tremenda a tempestade... no copo de agua.

Dois pygmeus — gigantes da politica de hoje, — lançam um ao outro desafios temerosos, que põem calafrios de pavôr em varias espinhellas cahidas.

Que sahirá d'alli?

Descansem todos... não sahe nada.

Do choque de duas forças pode resultar um abalo profundo.

O encontro de duas fraquezas é apenas como o tombar de uma gotta d'agua n'um pouco de lama. A gotta desfaz-se e a lama mais molle e espapaçada fica.

Comtudo é tremendo o odio com que os adversarios se olham... E' certo, mas é tremulo o gesto de ameaça que esboçam.

Ambos se temem, conscientes da propria fraqueza, e nenhum inutilizará o outro, receoso de que o outro o inutilize a elle.

Um já fallou de alto em roupa suja, mas foi disfarçadamente levantando a gola, a tapar a camisa escurecida.

O outro já encolheu, desdenhoso, os hombros, mas encolhendo tambem, prudente, as unhas.

Que sahirá d'aquillo?

Descancem todos.. Não sahe nada.

Estarão assim, dias seguidos, desafiando-se mutuamente para a porta da mãe, que o pae de um é policia, e o do outro, municipal.

Depois um comparsa gritará... com a bocca do estomago, ainda não satisfeito, que é preciso salvar a Republica, e os dois cahirão nos braços um do outro.

E de tudo aquillo o publico ficará apenas com a impressão de que muito... exquisita deve ser uma Republica, que para se salvar precisa que se unam e se estreitem dois homens, que um do outro pensam e sabem cousas taes, que cada qual considera que o revelal-as seria a inutilisação do contrario.

Desbaratos

O *Seculo* abriu agora uma secção em que publica *algumas* — todas não cahia elle em publicar, — das denuncias que leitores seus lhe enviam de desperdicios, pagamentos indevidos, etc, que para ahi se praticam, ou que esses leitores como tal consideram.

Se o *Seculo* fosse jornal para onde uma pessoa decente pudesse mandar duas linhas, talvez lhe escrevessemos a lembrar-lhe que ha importante economia a fazer nos ordenados de varios diplomatas, substituindo alguns dos actuaes ministros no estrangeiro por pessoas que se prestassem a soffrer, por preços mais modicos, as desfeitas e os vexames que esses ministros teem soffrido.

Assim, por exemplo, estamos convencidos, estamos mesmo certos, que o sr. Lambertini Pinto se prestaria a supportar, por menor preço e portanto com economia para o Thesouro, as amarguras porque tem passado o sr. João Chagas.

Colonias

O *Diario de Noticias* publicou a seguinte local:

«Segundo noticia um telegramma de origem ingleza, inserto no «Berliner Zeitungn Mittag», em Groottfontein, no sudoeste da Africa allemã fundou-se, como o titulo de «Angola Bund», uma sociedade destinada á propaganda da idéa de annexar as possessões portuguezas do Sul de Angola ás colonias allemãs que lhes ficam visinhas. A sociedade foi inaugurada com uma sessão, na qual o presidente da «Angola Bund» proferiu um discurso, em que affirmou que não teem direito a possuir territorios os povos que não sabem administra-los.»

Noticias como esta são frequentissimas na imprensa estrangeira. Artigos em que a situação de Portugal se define tal como ella é, apparecem quasi todos os dias na imprensa de tudo o mundo.

O que significa isso?

Não o quer ver o paiz, fingem não o ver os jornaes republicanos.

O snr. João Chagas, com uma inconsciencia admiravel, disse no *Seculo* que tudo é obra da propaganda monarchica. Os outros jornaes repetiram lhe os dizeres.

Continuem assim enganando-se todos uns aos outros.

Um dia o paiz acorda extremunhado e só então repara... que o que tem a fazer é continuar a dormir.

Achamos bem.

Sempre se disse que os povos teem os governos que merecem e os destinos que se preparam.

Portugal tem hoje por governo o ministerio presidido pelo snr. dr. Affonso Costa. Os jornaes estrangeiros estão desvendando os destinos que Portugal se prepara.

Como parece que o paiz está satisfeito com isso, cabe-nos apenas archivar e passar adeante.

Tiragem especial

Para satisfazer muitos pedidos que temos recebido, resolvemos fazer uma tiragem especial, d'este numero de "O Correio", em papel couché, que está á venda n'esta administração, ao preço de 60 reis cada exemplar.

Esta tiragem especial é de 150 exemplares, todos numerados.

ANGOLA

Alteradas estão do Reino as gentes,
Co'o odio, que ocupado os peitos tinha,

Assim começava o Gama contando ao rei de Melinde a historia do mestre d'Aviz.

E' o caso d'agora; salvar as circumstancias.

No entretanto a emigração abandona o sólo patrio em phalange compacta e continua, — e, por outro lado, em Angola progride o Caminho de Ferro de Benguella, cortando precisamente no momento a zona aproveitavel para a colonisação branca.

Note-se que os planaltos Sul d'Angola são pouco mais ou menos a *unica* dependencia nacional, onde a familia branca póde propagar se, e, por consequencia, o *unico* terreno d'expansão da nossa raça sob a sua bandeira propria.

Note-se que a construcção e exploração do Caminho de Ferro de Benguella, representam concessão feita a um subdito britannico e á Companhia por elle formada, quer dizer estrada aberta a influencias estranhas.

Note-se que não existirá nunca «Angola Portugueza» senão por intermedio de «População Portugueza estabilizada», pelo menos em alguns pontos, d'onde exerça o cunho da predominancia, e presida á evolução assimiladora e nacionalizadora.

Note-se que a não-existencia da Africa Occidental Portugueza, significa o encerramento do mercado da nossa industria algodoeira, e significa a ruina do Paiz, vista a percentagem elevadissima com que as reexportações d'essa proveniencia entram na totalidade do nosso commercio metropolitano.

Note-se, por ultimo..., que a nossa situação internacional já foi um tudo nada melhor, do que é actualmente. Não sei se comprehendem, embora me não convenha fallar mais claro.

Este pequeno resumo de topicos veridicos e palpaveis, bastarão para caracterizar um problema nacional?

Ha quem sopponha que sim.

Mas os governantes são de opinião contraria, conforme os seus procedimentos autorizam a crer.

Que seguimento, com effeito, teve sobre o terreno o esboço de trabalhos que o governo da provincia ahi deixára iniciados em 1909, — trabalhos melhor ou peior orientados, mas effectivos em todo o caso, dentro das possiblidades locaes?

O caminho de ferro, quer dizer a obra estrangeira, esse sabe-se que avançou.

Quanto á obra de povoamento nacional, que devia correr lhe parallela... sabe-se que estamos leigos, e já não é pouco.

Desgraçada terra, a nossa!

A ex-administração colonial tinha defitos, não ha duvida. Mas não quizeram os redemptores deixar sem confirmação o velho dictado, de que atraz de nós virá quem bom nos fará.

E não julguem, os que estão de cima, que estas palavras traduzem apenas um desabafo individual e isolado.

São, pelo contrario, sentimento intimo da grande maioria, abrangendo mesmo correligionarios republicanos.

Nem póde deixar de ser assim, visto que as colonias, assoprado o fumo do phrasead o oco, encontram «reacção e recuo», onde esperavam «innovações e progresso».

«Reacção e recuo» sem sombra d'exagero, que outra cousa não póde por exemplo chamar-se á forma como o novo regimen fazendario desmente, e contraria, os principios descentralizadores, artigo primeiro e fundamental, no caderno das reclamações coloniaes.

Illudidos estavam, — e eram muitos, — os que suppunham ter o velhoT erreiro do Paço monarchico attingido os Himalayas da oppressão burocratica. Havia cumes mais altos. E o Terreiro do Paço «modern style» timbrou em mostrar-lh'os.

. . . . . .

Tudo isto, afinal, são innocentes considerações, sem objectivo pratico, nem vantagem.

«Mais on ne se bat pas dans l'espoir du succès,
Non, non, c'est bien plus beau lorsque c'est inutile!»

como diz Rostand, no «Cyrano», se não me engano.

Inutil, é bem certo.

Em cinzas as aspirações, a que tantos sacrificaram os mais estrenuos esforços de corpo e alma, e a vida inclusivamente.

Silva Porto e Caldas Xavier, companheiros e amigos, cahidos como muitos outros, no bom combate, — ninguem vos ouve já!

Os sepulchros mandavam d'antes. Mas isso era d'antes. Hoje não. Novas epochas, novos costumes.

Velho, fico-me com os antigos. E siga a caravana, que vae bem.

«The dust we tread upon was once alive!»

cantava a éstro de Byron.

«Vida outr'ora teve o pó que nós pisamos!»

Esse pó e essas cinzas, que fallam do passado, são na verdade as melhores companhias que o presente nos offerece.

Henrique de Paiva Couceiro.

Expediente

Prevenimos os nossos presados assignantes das provincias que vamos enviar-lhes pelo correio, á cobrança, os recibos de suas assignaturas, e pedimo lhes a fineza de os satisfazerem logo que lhes sejam apresentados, evitando-nos assim despesas desnecessarias ou a suspensão da remessa do jornal.

DEMOCRACIA

IV

Transportados para o campo politico, os dois dogmas fundamentaes da democracia, que attribuem ao cidadão a liberdade completa e a egualdade perfeita, visto excluirem irremediavelmente a ideia de sujeição do individuo a qualquer poder externo ao ser, levam-n'os a um beco de logica abstracta, em que se não encontra sahida para a concepção de qualquer fórmula de governo do Estado, e em cujo muro final se leem, a toda a altura e a toda a largura, as oito lettras que formam a palavra anarchia.

São pouco numerosos, porém, mesmo entre os democratas, aquelles que ousam levar o encadeamento das suas proposições a essa conclusão unica, tão logica como absurda. A maior parte dos discipulos da escola insurge-se contra esse resultado da analyse, nega a sua exactidão, e, apontando para a palavra governo, de facto inserida no seu grito de guerra, explica, sem aclarar cousa alguma, que quer apenas a democratisação do poder politico obtida por effeito do governo do povo, exercido pelo povo e em beneficio do povo. E o curioso é que os que assim fallam são sinceros n'essa sua rejeição da anarchia porque não ha, nem houve jámais no mundo, gente tão propensa ao auctoritarismo, como são os bons democratas.

Obrigados a admittir-lhes a incoherencia, porque nem quando ella é palpavel a sentem, e porque para continuar a discutil-os temos que acceital-os como elles são, vemo-nos levados a reconhecer que a sua insistencia deve representar alguma cousa especial, encerrada no cavallo de Troya da phrase magica. E representa, em verdade. D'sventremos o animalão emquanto é tempo e logar — extra-muros. Desvendemos a fealdade encoberta pelo veu da fórmula.

Como ella contém um só substantivo — povo — examinemos quem constitue o povo, vejamos qual é a significação particularisada que os democratas dão a este termo, para podermos continuar a argumentar da unica maneira proveitosa: sem mascara.

Já foi examinada a etymologia da palavra, mas sem resultado. Povo, democraticamente fallando, não póde ser synonimo de população porque, se o fosse, a fórmula sacrosanta do novo credo — governo do povo, exercido pelo povo e em beneficio do povo — não revestiria o symbolismo de novidade mirifica, que para ella se pretende. Mas se povo e população representam etymologicamente a mesma cousa, outra é a acepção vulgar do vocabulo. Povo, tanto no espirito de quem constantemente anda a pronunciar a palavra, como no de quem a ouve, significa muito claramente as massas inferiores da população, como distinctas e separadas das camadas superiores, é designação que, para não pouca gente, chega mesmo a restringir-se tão sómente á quelles, que se empregam em trabalhos manuaes.

E assim temos os Danaos fóra da traiçoeira machina de guerra, em que se escondiam, chegamos finalmente ao corpo a corpo da discussão com os nossos bons democratas. Estes mesmos, de resto, implicitamente confirmam a interpretação quando, sem abertamente confessarem que tal é a significação da palavra, antes continuando a acobertar-se com a confusão etymologica, que leva a identifical-a á população inteira, promettem conferir o exclusivo exercicio de todo o poder politico á maioria ou, como dizem com maior emphase, á maioria democratica.

Temos aqui, portanto, uma séria transformação da phrase luminosa. De governo do povo, exercido pelo povo e em beneficio do povo, passamos, substituindo a incognita pelo seu valor, a uma fórmula que aspira ao governo da nação inteira, determinado tão sómente por uma parte da sua população e em exclusivo beneficio d'essa mesma fracção. Quer isto dizer que o puro democrata da actualidade é uma creatura que, em vez de avançar como pretende, anda para traz como nos accusam, falsamente, a nós os conservadores, de fazer: porque restabelecer o governo de classes, engeitar a unica conquista politica authentica dos povos europeus, outra cousa não é, senão retrogradar.

No grau de desenvolvimento que attingiu o individualismo contemporaneo, não póde conceber-se mais flagrante injustiça politica, mais confesso illiberalismo, mais insupportavel tyrannia, do que a de uma fórmula de governo, que se propõe reservar todo o poder na nação exclusiva e perpetuamente para uma classe, com rigida exclusão das outras.

Nota se que não ha premissas falsas n'esta argumentação. São os democratas quem diariamente nos diz que alvejam ao governo do povo, exercido pelo povo e em beneficio do povo. Arredada a generalisação da etymologia, uma vez comprehendido e sempre bem lembrado que povo, na acepção de quantos empregam a phrase magica, significa a massa inferior da população por opposição á camada superior, fica reconhecido o rigor da affirmação acima feita. São tambem os mesmos democratas quem nos explica que o povo, em seu entender, é constituido pela maioria. Ora considerada fóra do campo das ideias, transportada para o terreno da acção governativa, materialmente investida do poder, a maioria de uma população fórma, necessariamente, uma classe.

Para que, porém, não possa subsistir qualquer duvida a tal respeito, não deixa de ter cabimento a seguinte demonstração do absurdo, feita de outra maneira:

A formação de uma maioria envolve a necessidade da extremação de uma minoria. Para muitas cousas póde isso fazer-se ao acaso ou pelo sorteio: para as loterias, por exemplo. Mas nenhum dos dois systemas, acaso ou sorteio, serviria o objectivo democratico, o qual pretende designar especialmente determinadas entidades para a detenção do poder politico. Ora, sendo assim, é evidente que se deve procurar algum traço caracteristico (ou uma serie d'elles) possuido por todos os membros da maioria, mas ausente nos da minoria, que sirva para destrinçar os dois agrupamentos. O grupo que formar a maioria terá, por definição de ser o mais numeroso. Logo, o traço caracteristico, verdadeiro traço de união, necessario para ligar os seus membros componentes, terá de ser a feição prevalecente na maior parte dos individuos de uma nacionalidade; mas, ao mesmo tempo, note-se bem, uma vez que se não verifique em toda a população, pois de outra maneira não poderiamos obter a ambicionada maioria. Por seu lado a minoria, isto é, o agrupamento condemnado pelos democratas ao perpetuo ilotismo do poder, terá de ser composta de individuos que, por uma razão opposta, hajam sido joeirados para fóra do crivo pelo qual passou o outro grupo; e esta razão opposta á feição prevalecente na maior parte da população, não poderá ser outra senão a de serem excepcionaes os predicados, que individualmente os distinguem dos membros da maioria. Ora, sabido como é que as mais essenciaes qualidades da acção politica, por sua ordem, a grandeza d'alma, a força de caracter, a intelligencia, o saber, a fortuna, as maneiras, são prendas raras, concluc-se que a maioria democratica, necessariamente composta de individuos, em que prevaleçam as caracteristicas communs á maior somma de membros de uma nacionalidade, não deverá comportar creatura alguma que, de qualquer maneira, seja dotada de um só d'esses predicados, tão fóra do vulgar Como, segundo o dogma, só essa maioria deterá o poder, resulta que o puro governo democratico será exclusivamente determinado por aquelles dos membros da população que, como individuos, mais por completo careçam de quaesquer talentos e competencias para comprehender, para aprender, para planear, para iniciar e para realisar — seja o que fôr. E não só o governo será por tal gente determinado, mas tambem por ella exclusivamen e exercido — em seu beneficio, pretende-se para cummulo!

Eduardo Lupi.

Carta de Lisboa

O problema dos presos politicos continua prendendo extraordinariamente a attenção publica, tanto mais que a remoção para a Penitenciaria dos condemnados que estavam na Trafaria, e as imposições que n'aquella cadeia se fizeram a esses desgraçados, cujo crime unico é o terem sido vencidos, vieram de novo alarmar a alma do paiz, até ha pouco caritativa, generosa e boa. Não se compadece nem com o coração portuguez nem com a liberdade de pensar, o rigôr exercido sob e elles. Chega a assumir o requinte da maldade esse regimen que até aqui, desde que existe a Penitenciaria, a pratica e o bom senso dos que o dirigiam se esmeravam em attenuar. Os presos da Trafaria entraram lá. Não se lhes cortou o cabello nem a barba. Foi a unica concessão que se lhes fez, mas dois dias depois tinham o capuz a tapar-lhes a cabeça, como ração o rancho da casa, e como talher os dedos das mãos. Chega a parecer inverosimil! E como a corrente da electricidade se interrompesse, esses terriveis criminosos que ousaram pensar de forma diversa dos partidarios do regimen, e agir como elles tantas vezes agiram no tempo da Monarchia, foram punidos, ás 5 horas da tarde, de toda a especie de claridade dentro d'aquellas cellas tenebrosas onde por certo, tantas vezes, elles terão pensado nos caprichos do azar!

Ora todos estes pormenores tristes que tanto teem indignado a consciencia publica, tornaram urgente, inadiavel, um prompto remedio. Qual? Não se sabe ainda. A amnistia só póde ser concedida pelo poder legislativo e o que se

passou ainda ha dias na Camara dos Deputados com o projecto de conciliação, ou como é que se chama, do sr. Machado dos Santos, não é de molde a fazer esperar que n'ella pense o governo. Entretanto, e apesar de tudo, a amnistia virá breve? E' possivel. Mas que venha o indulto, se é verdade que o chefe do Estado persiste no seu louvavel proposito de, dentro da lei e dos direitos que a Constituição lhe confere, accudir de prompto á situação insustentavel dos pobres condemnados politicos.

Dir-se-ha talvez que o indulto não é a amnistia, e que sob o ponto de vista juridico e politico são cousas absolutamente differentes, mas n'este momento o que urge é accudir aos que estão sob os ferros do sr. Affonso Costa que para os outros, todo o tempo é tempo. Emquanto esses desgraçados gemerem nas cadeias, aos rigores de um regimen crudelissimo, que o primeiro magistrado da nação condemna até para os criminosos communs, não póde haver nem tranquilidade nem alegria. Que venha então o indulto, mas que venha sem demora, se á hora em que esta carta sahir a publico, elle não fôr já um facto, como se espalhou estes ultimos dias na Capital.

O Snr. Dr. Manuel de Arriaga encontra-se agora no Porto, nessa cidade heroica que foi o berço da liberdade e onde elle, mais do que em qualquer outra parte, ha-de sentir palpitar a alma da nação. Está ali a celebrar uma data hoje gloriosa, e ainda ha pouco bem triste para os que agora a festejam. Pois bem. Que se compare o que então se passou, que se avalie a fórma diversa porque são tratados em 1891 e em 1912 os reus do mesmo crime, e que de uma vez para sempre se abram as portas do carcere maldito, que tem transformado em martyres homens cuja coragem e cujo valor, aos proprios adversarios devem merecer respeito.

Que se destrua por completo a lenda — se apenas lenda é — de que Portugal não é de todos os portuguezes, mas apenas dos que pensam como os revolucionarios de 1910, se bem que os factos estejam a todo o momento a querer transformar essa lenda n'um proposito acintoso e anti patriotico. Ainda ha dias o que se escreveu a proposito da tentativa de uma União de todas as boas vontades, em serviço da patria, e livre de toda e qualquer ideia politica, confirma esse proposito.

Porque numa sala da Liga Naval, um grupo de cidadãos se reuniu para formar uma associação com o titulo União Patriótica e com os fins determinados precisa e claramente n'uns estatutos que não eram segredo para ninguem, rompeu na imprensa republicana um coro de imprecações contra esses homens! Porquê? Com que direito? Com que fins?

Somos insuspeitos, porque nunca nos enthusiasmou a ideia da União. Como agrupamento patriotico seria como que uma succursal da Sociedade de Geographia, associação platonica, á mercê da vontade de todos os governos, servindo apenas para dar notoriedade a individualidades de certa mediania intellectual.

Como agremiação politica, se os receios dos poucos republicanos se realisasesm, tão pouco nos sroria porque temos sido sempre e continuamos a ser, atravez de todas as arbitrariedades e de todas as audacias, pelas situações definidas, e á União faltava-lhe precisamente arvorar a unica taboleta, que nos poderia dar incentivo!

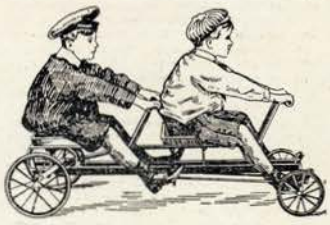
Mas em qualquer dos casos, com que direito e com que justiça, surgem na imprensa esses pseudo liberaes a malsinar e a adulterar as intenções dos seus organisadores? Então só os philarmonicos republicanos teem o direito de se agrupar, de se reunir, de agir, de proceder, de pensar e de escrever, e todos os outros que não communguem nas suas ideias, que não sejam já, não diremos republicanos historicos mas, partidarios submissos depois do 5 de Outubro, não teem na Constituição approvada pelo Congresso os mesmos direitos, as mesmas regalias e os mesmos deveres? Então a liberdade republicana passou da defeza calorosa da licença, nos tempos do ostracismo, ao simples *crê ou morres* do mais terrifico absolutismo do *posso, quero e mando!*

Tenham paciencia os snrs. jornalistas demagogos, mas o paiz não é seu, as leis não se fizeram apenas para seu uso, e os direitos que a elles confetiu deu os a todos os cidadãos partidarios ou adversarios do snr. Affonso Costa, do snr. Antonio José de Almeida ou do snr. Brito Camacho. Quer o queiram, quer não!

Quarta feira 29.

Raul.

Annuncios



Aos paes que velam pela saude de seus filhos, recommendo este apparelho, porque é tambem aconselhado pelos mais distinctos clinicos.

Bazar Esmeriz

CLERIGOS, 70

CIGARROS

Presidente ARRIAGA

Fina mistura de tabaco havano

A MARCA DE MAIOR SUCCESSO EM PORTUGAL

Cuidado com varias marcas imitações d'esta famosa marca

ADEGA PARTICULAR

DE

Antonio A. Leal Pecegueiro

á R. S. Bento da Victoria, 54-A

Vinhos maduros, do Douro e verdes de Amarante

(Branco e tinto)

por conta do lavrador

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Entrega aos domicilios

LEGITIMOS

CIGARROS D'ALGER

PERFUMES de salon

CREMES D'herbe divine

Universalmente conhecido como os mais hygienicos

— Não affectam a garganta —

Cuidado com as imitações que a fama mundial d'estas marcas tem provocado.

COMPANHIA DO GAZ

DO PORTO

Distribuição de Coke a domicilio

Por cada 15 kilos (uma arroba) . . . . . 200 reis
Por cada 600 kilos (um carro) . . . . . 8$000 reis

Posto em casa do consumidor, dentro da area da cidade do Porto. Peso garantido.

SATISFAZEM-SE PROMPTAMENTE

todos os pedidos de *Coke* que lhe forem feitos ou por meio do correio, ou em requisição verbal nos seus escriptorios da Praça de Carlos Alberto 71, ou na fabrica, no Ouro.

A TODOS CONVEM SABER

Que para se obter agua absolutamente pura é indispensavel fazer uso d'um Filtro Chamberland System Pasteur, o unico capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas. Approvado pela Academia de Medicina de Paris, Academia das Sciencias, «Premio Montyon». Pedir catalogos illustrados a

J. L. MEYRELLES

Depositario para Portugal e Colonias

Rua Nova do Almada, 79, Lisboa

VIDRARIA MODERNA

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Augusto Gomes dos Santos

Completo sortido em louças, vidros, crystaes, molduras e outros artigos proprios para brindes

Telephone 1139

Rua Sá da Bandeira, 195 a 199 — PORTO

CASA DOS LINHOS

ARTIGOS PARA BORDAR

Raphael Pereira dos Santos

Fornecedor dos principaes Collegios do Paiz

288 — Rua de Fernandes Thomaz — 290

PORTO

N'este estabelecimento encontra-se enorme sortido de pannos de linho e atoalhados.

Artigos para collegios e enxovaes

Enviam-se amostras para a Provincia

EXECUÇÃO RAPIDA

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Alvaro Pinheiro Chagas (Anselmo)

NOTAS D'UM LISBOETA

2 bellos volumes

Preço 1$200 reis

A' venda nas principaes livrarias

COMPANHIAS DE SEGUROS

La Union y el Fenix Espanol de Madrid

Union Maritime de Paris

Mannheim de Mannheim

Seguros sobre a vida, incendio, explosão de gaz, de machinas, raio, rendas em caso de incendio, maritimos, postaes e transportes de qualquer natureza.

LIMA MAYER & C.ª

RUA DA PRATA, 59-1.º

Papeis de Casamento

Arranjam-se com a maxima rapidez e economia no escriptorio da Capella de Fradellos — Porto.

NA GUINÉ

Por Frederico Pinheiro Chagas

(2.ª edição). Brevemente á venda.

ATELIER DE ROUPA BRANCA

M. D'AGUIAR LEITÃO

Proprietaria e directora:

Marqueza Isabel d'Aguiar Leitão

Fabrica e deposito de roupa branca para homem, senhora e creança.

Os mais elegantes modelos em roupa branca de senhora, (especialidade d'esta casa).

Enxovaes para casamento. Enxovaes para baptisado.

BRINDES A TODAS AS NOIVAS

20, Praça da Batalha, 22 — PORTO *(A' entrada da R. de Santo Ildefonso)*

"ADESIVOS E MAKAVENCOS,,

Chegou nova remessa d'estes magnificos bacios á casa

"AU BON MENAGE,,

81, Rua de Cedofeita, 85 *Teleph. 942—PORTO*

Casa especialista no fabrico de colchões de arame, colchões de folhelho, lã, crina e summauma

Unica colchoaria no Porto que possue um bem montado serviço de esterilisação e desinfecção pelo vapor sob pressão.

O proprietario,
Julião D. Monteiro

"PICCADILLY"

58, RUA GARRETT, 62 *Telephone, n.º 3658*

A mais importante casa d'artigos para homem

Alfayate, Mercador, Camisaria, Chapellaria e artigos concernentes a estas especialidades, como impermeaveis, chapeos de chuva, bengallas e gravatas em todos os generos

Empreza Nacional de Navegação

PARA A COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empreza

RUA DO COMMERCIO, 85—LISBOA

Fabrica de pregos e ferragens para malas

A unica no Paiz que fabrica todos os artigos para confecção de malas de viagem

PEDIR CATALOGOS E PREÇOS AO DEPOSITO

Rua de D. Pedro, 110-2.º PORTO

Magalhães & Moniz, L.da

LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencias e lettras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações

CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO

CASA FUNDADA EM 1873

11, Largo dos Loyos, 14—PORTO

ESCOLA PRATICA COMERCIAL

Rua Gonçalo Cristovão, 191

PORTO

Estabelecimento de ensino pratico comercial

UNICO NO PAIZ

Premiado com medalha de Ouro e Prata.

Recebe alumnos internos e externos.

Envia-se o programa ilustrado a quem o requisitar.

CIMENTOS

NACIONAES E ESTRANGEIROS

POR GROSSO

Vantagens excepcionaes para grandes fornecimentos e contractos annuaes, etc.

J. WIMMER & C.ª

LISBOA

PERFUMARIA FINA

PRAÇA DE D. PEDRO, 101

LISBOA

RECEBEU novo sortimento de essencias finas para o lenço e banho, sabonetes e pós de arroz finissimos, boa agua de Colonia Florida e preparados garantidos para o cabello, dando a côr natural; sortimento de elixires, pasta, pós dentrificos.

Perfumaria Balsemão

RUA DOS RETROZEIROS, 141

TELEPHONE 2:777

LISBOA

A EUROPA

PADARIA, CONFEITARIA E PASTELARIA

Rua da CONCEIÇÃO, 71 a 75 **Rua das OLIVEIRAS, 108 a 128**

TELEPHONE, 651

Padaria montada em harmonia com as disposições emanadas da fiscalisação dos Productos Agricolas, fornece toda a qualidade de pão e com especialidade o Pão de Luxo, Vienna e outros. Distribuição aos domicilios de manhã e á tarde, observando-se n'estas a mais rigorosa hygiene e completo asseio.

O serviço de panificação está franco a qualquer hora do dia ou da noite. Bolachas, biscoitos, tosta doce e azeda. Vinhos finos e de consumo, tintos e brancos, engarrafados, licores e champagnes, cervejas nacionaes e estrangeiras.

Aguas mineraes e mais genero congeneres.

CHÁ, CAFÉ CACAU, DOCE FINO, FRUCTOS DOCES e SECAS.